

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA E
DESENVOLVIMENTO**

**O AUTO INTERESSE NA OBRA DE ADAM SMITH: A
ABORDAGEM MORAL DOS AGENTES SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cezar Augusto Pereira dos Santos

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**O AUTO INTERESSE NA OBRA DE ADAM SMITH: A
ABORDAGEM MORAL DOS AGENTES SOCIAIS**

Cezar Augusto Pereira dos Santos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Economia e Desenvolvimento, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Economia e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Solange Regina Marin

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pereira dos Santos, Cezar Augusto
O AUTO INTERESSE NA OBRA DE ADAM SMITH: A ABORDAGEM
MORAL DOS AGENTES SOCIAIS / Cezar Augusto Pereira dos
Santos.-2014.
84 f.; 30cm

Orientadora: Solange Regina Marin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento, RS, 2014

1. Adam Smith 2. Teoria dos Sentimentos Morais 3.
Riqueza das Nações 4. Simpatia 5. Auto Interesse I.
Marin, Solange Regina II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Economia
Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O AUTO INTERESSE NA OBRA DE ADAM SMITH:
A ABORDAGEM MORAL DOS AGENTES SOCIAIS**

elaborada por

Cezar Augusto Pereira dos Santos

como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Economia e Desenvolvimento

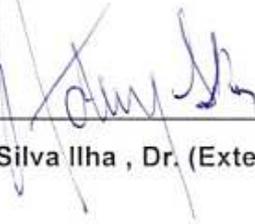
COMISSÃO EXAMINADORA:



Solange Regina Marin, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Daniela Dias Kuhn, Dr^a. (UFSM)



Adayr da Silva Ilha, Dr. (Externo/UFSM)

Santa Maria, 25 de Fevereiro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Reomilda Terezinha Pereira dos Santos, por todo o carinho e dedicação com que me acolheu, ainda bebê, e por não ter, por toda a vida, feito distinção entre o tratamento dado a mim e aos seus filhos biológicos. Por ter sido sempre a minha principal referência a ser levada em conta ante as decisões a serem tomadas. Pelos aconselhamentos, pelas broncas e por sempre ter demonstrado orgulho pela pessoa em quem me transformei – mesmo antes de ter retornado tardiamente aos bancos escolares. Por ter sempre se dedicado a minha estrutura física (tão frágil nos primeiros anos de vida) e psicológica. Por, mesmo com todas as dificuldades financeiras, ter me proporcionado o acesso à educação, e sobretudo, por ter demonstrado, através de seu exemplo, a jamais ser ingrato aqueles que em algum momento da vida me ajudaram. É em seu modo de proceder que sempre me espelho e através do qual tento pautar meus sentimentos de respeito e consciência de igualdade entre as pessoas, independentemente de classe social, cor, raça ou credo.

Agradeço também a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para este estudo. À FAPERGS, aos professores e colegas do PPGE&D, e em particular, à minha orientadora Prof. Dra. Solange Regina Marin, por sua dedicação e irrestrito desapego, indo muito além da orientação, transformando-se em uma grande amiga, um referencial de sabedoria e generosidade, um modelo a ser seguido, tanto profissionalmente, quanto como pessoa.

Para alcançar o objetivo de concluir o mestrado, muitos amigos contribuíram e não teria como citar a todos textualmente. Todavia, destaco os professores Claílton Ataides de Freitas e Paulo Ricardo Feistel (um coordenador que, afim de que o PPGE&D se desenvolva, não mede esforços, realizando até mesmo serviços braçais e disponibilizando seus próprios recursos materiais para que os alunos se sintam bem acolhidos) e os colegas (irmãos) Dieison Casagrande e Paulo Hoeckel, amigos generosos, que em muitas horas de desespero me socorreram, tanto com seu conhecimento em Economia, Inglês e informática, quanto com palavras de estímulo e confiança.

Por fim, e mais importante, agradeço principalmente a meu filho Douglas Abtibol e minha amada esposa Maisa Renata Abtibol, pelo amor, incentivo, companheirismo e paciência nestes anos, e por terem compreendido que este é mais um passo, dos muitos que ainda faltam, para que possamos usufruir da vida que sempre almejamos. É na esperança de ser um exemplo e estímulo a vocês que sigo na luta em busca do auto aperfeiçoamento.

“Quando um crítico examina a obra de qualquer dos grandes mestres da poesia ou pintura, por vezes pode examiná-la segundo uma ideia de perfeição que formou em seu próprio espírito, à qual nem essa nem qualquer outra obra humana jamais poderá alcançar; e enquanto a comparar com esse padrão, nada poderá ver senão imperfeições e faltas. Mas se passar a considerar a posição que a obra deveria ter entre outras da mesma espécie, necessariamente a comparará com um padrão muito diferente, cujo grau de excelência é comumente alcançado nessa arte específica, e se a julgar segundo essa nova medida, poderá parecer merecedora de aplauso, na medida em que se aproxima muito mais da perfeição do que a maioria das obras com as quais pode competir.”

Adam Smith

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento
Universidade Federal de Santa Maria

O AUTO INTERESSE NA OBRA DE ADAM SMITH: A ABORDAGEM MORAL DOS AGENTES SOCIAIS

AUTOR: CEZAR AUGUSTO PEREIRA DOS SANTOS

ORIENTADORA: SOLANGE REGINA MARIN

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 25 de fevereiro de 2014.

A presente dissertação - por meio de pesquisa bibliográfica fundamentada principalmente na leitura da Teoria dos Sentimentos Morais e na Riqueza das Nações - investiga a conexão entre a filosofia moral de Smith e a sua abordagem em relação aos princípios humanos que norteiam a busca individual por melhorar a própria condição de vida. Para alcançar este objetivo são analisadas algumas das bases Filosóficas do autor (estoicos, Hutcheson, Hume) e estudados os conceitos chaves presentes em seus dois livros de modo a defender o ponto de vista de que a Riqueza das Nações é uma continuidade da Teoria dos Sentimentos Morais. Dentre as principais lições aprendidas, a partir do estudo da obra de Adam Smith, está a de que ele cultivou, em sua vida pessoal, as qualidades que na TSM ele considerava definidoras de um caráter excelente: sobriedade, temperança, justiça e magnanimidade; que foi através dos conceitos de simpatia e espectador imparcial, criados e desenvolvidos na TSM, que Smith criou o conceito do homem prudente, o qual caracteriza a maioria das pessoas que vivem em sociedade; que o homem prudente de Adam Smith é muito diferente do *homo economicus* neoclássico; e, principalmente, que a visão smithiana de *self-love* está impregnada de conotações morais, uma vez que vai muito além do mero auto interesse por riquezas materiais.

Palavras-chave: Adam Smith; Teoria dos Sentimentos Morais, Riqueza das Nações; simpatia; auto interesse; agentes sociais.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento
Universidade Federal de Santa Maria

SELF-INTEREST IN THE WORK OF ADAM SMITH: THE SOCIAL APPROACH OF THE MORAL AGENTS

AUTHOR: CEZAR AUGUSTO PEREIRA DOS SANTOS

ADVISOR: SOLANGE REGINA MARIN

Date and Place of the defense: Santa Maria, February 2014.

The present dissertation - through bibliographical research grounded mainly in the reading of the Theory of Moral Sentiments and of the Wealth of Nations - investigates the connection between Smith's moral philosophy and his approach regarding to the human principles that govern individual pursuit for improving own life condition. For achieve this goal are analyzed some of the Philosophical bases of the author (Stoics, Hutcheson, Hume) and studied the key concepts present in his two books in order to defend the viewpoint of that the Wealth of Nations is a continuity of the Theory of Moral Sentiments. From among the main lessons learned, from the study of the work of Adam Smith, are of which he cultivated, in his personal life, the qualities that in the TMS he considered defining of an excellent character: sobriety, temperance, fairness and magnanimity; which was through of the concepts of sympathy and the impartial spectator, created and developed in the TMS, that Smith created the concept of the prudent man, to which characterizes the majority of people who live in society; that the prudent man of Adam Smith is much different than *homo economicus* neoclassic; and, mainly, that the Smithian view of self-love is impregnated of moral connotations, once which goes far beyond mere self-interest for material wealth.

Key-words: Adam Smith; Theory of Moral Sentiments; Wealth of Nations; sympathy; self-interest; social agents.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A LEITURA TRADICIONAL DA OBRA DE SMITH E A BASE MORAL E FILOSÓFICA DO AUTOR	11
1.1 Introdução	11
1.2 Adam Smith: exemplo enquanto filho, professor e amigo	12
1.2.1 A infância e os primeiros anos como estudante	12
1.2.2 Em Glasgow - como aluno – (1737/1740)	14
1.2.3 Os estudos em Oxford (1740/1746)	17
1.2.4 Pós Oxford (1746 - 1750)	19
1.2.5 O retorno a Glasgow como professor (1751 – 1764)	21
1.2.6 Smith como tutor do futuro Duque de Buccleuch (1764 – 1766)	25
1.2.7 Kirkcaldy (1767 – 1773)	28
1.2.8 Londres (1773 – 1776)	29
1.2.9 O sucesso da Riqueza das Nações e a morte de Hume (1776)	30
1.2.10 Comissário do Conselho Alfandegário, a volta a Glasgow como Reitor e os últimos dias (1777 – 1790)	33
1.3 A leitura tradicional da obra de Smith	36
1.3.1 A visão da Escola Histórica Alemã acerca da obra de Adam Smith	36
1.3.2 Adam Smith - de filósofo metafísico a economista realista: a visão de Jacob Viner	38
1.3.3 Louis Dumont: Smith como o pai da Ciência Econômica dissociada da Ética	40
1.4 As bases morais e filosóficas do pensamento de Smith	42
1.5 Síntese do capítulo	50
2 A SIMPATIA E O ESPECTADOR IMPARCIAL COMO RESULTADOS DOS HÁBITOS E COSTUMES SOCIAIS	52
2.1 Introdução	52
2.2 A Simpatia	53
2.3 O espectador imparcial	58
2.4 A importância dos hábitos e costumes e sua relação com o homem prudente de Smith	62
2.5 O auto interesse e a utilidade da riqueza para Smith	63
2.6 Síntese do capítulo	67
3 MELHORAR NOSSA “CONDIÇÃO DE VIDA”: UM PRINCÍPIO PSICOLÓGICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICAS E SOCIAIS	68
3.1 Introdução	68
3.2 A relação entre a busca pela simpatia alheia e o aprimoramento profissional	69
3.3 Acumulação de capital: consequência da frugalidade – a pedra angular da divisão do trabalho – do homem prudente	71
3.3.1 O homem prudente de Adam Smith	71
3.3.2 A frugalidade e a acumulação de capital enquanto reflexo da prudência	72
3.4 A propensão à troca e a divisão do trabalho	74
3.5 Síntese do capítulo	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

Adam Smith (1723 - 1790), além de ser considerado o pai da Economia enquanto ciência, adquiriu, também, o epíteto de pai do liberalismo econômico. O modo como a sua obra é tradicionalmente citada está ligado ao fato de que em uma sociedade a busca sem limites pelos próprios interesses por parte dos indivíduos que a compõem, resultaria na melhor sociedade possível de ser alcançada como consequência da interação entre oferta e demanda de bens e serviços via mecanismo de mercado.

Uma vez que ainda hoje nos cursos de economia a análise da obra de Smith não costuma ir muito além desta visão em relação a sua obra, cada vez mais se justifica a divulgação de seu primeiro livro – A Teoria dos Sentimentos Morais (daqui por diante TSM) - que fundamentou as bases de filosofia moral do autor para que ele pudesse escrever a Riqueza das Nações (a partir de agora RN).

Conforme Oliveira (2008), na TSM, Smith explica como os juízos éticos das pessoas são formados, a partir tanto da experiência quanto da imaginação, e que as normas morais nada mais seriam do que resultados de relacionamentos entre os agentes sociais ao longo do tempo e de hábitos sociais que devem sua origem à convivência entre as pessoas.

Uma justificativa adicional para o resgate da importância da TSM é dar o devido crédito a Smith e contribuir para fortalecer o argumento de Ganem (2002) de que Smith, na TSM, chamou a atenção para a necessidade de se, ao estudar como emergem as regras reguladoras dos processos sociais, levar em conta a incompletude humana, a necessidade intrínseca do outro. Ou seja, intersubjetividade que molda estes processos.

Esta dissertação parte do pressuposto de que a tradicional visão acerca da obra de Smith é muito simplista, uma vez que “deixa de lado” grandes contribuições dadas pelo autor à análise do modo como as pessoas se comportam enquanto agentes sociais. O custo de abordagens que não vão além da análise realizada pelo autor acerca do mecanismo de trocas, por exemplo, para os estudos dos fenômenos econômicos e sociais, segundo Evensky (1993) é a perda de grande parte do rico legado ético e moral deixado por Smith.

O objeto de análise desta dissertação são os dois livros escritos por Smith – a TSM e a RN -, além de artigos científicos, tanto de autores nacionais quanto estrangeiros, que analisaram a sua obra.

O objetivo principal é defender o ponto de vista de que Smith não deve ser considerado um defensor do auto interesse e egoísmo incondicional, como tradicionalmente é apresentado ao grande público, e, que os pontos de vista defendidos por ele na RN, tornam-se mais claros à luz da leitura prévia da TSM.

Dentre os objetivos específicos estão: apresentar uma biografia de Smith e as bases teóricas para a formulação de seu pensamento moral (estoicos, Hutcheson, Hume); analisar os conceitos chaves presentes na TSM [imaginação, simpatia, espectador imparcial; adequação e homem prudente]; analisar alguns dos temas chaves na RN [a divisão do trabalho como fonte da riqueza nacional, a propensão humana para as trocas e a frugalidade, entre elas]; e, realizar um *link* entre os conceitos presentes nas duas obras de modo a deixar claro que não existe ruptura no ponto de vista moral de Smith entre uma obra e outra.

O problema de pesquisa é o seguinte: o conceito Smithiano de auto interesse presente na RN pode ser devidamente compreendido sem que se leve em conta a abordagem moral realizada por ele na TSM?

O argumento a ser defendido é que a RN pode, e deve, ser lida à luz da TSM. Uma vez que, é nela que Smith investiga questões comportamentais chave acerca do caráter do homem socializado. Como, por exemplo, “a busca por melhorar a própria condição”, “a prudência” e o “auto aperfeiçoamento”. Questões estas, que implicitamente, permeiam ao longo de toda a RN.

A dissertação conta, além desta introdução com mais quatro capítulos. No primeiro é apresentada uma biografia de Smith e é analisada a leitura “tradicional” acerca de sua obra, além de algumas das bases morais e filosóficas do autor¹. O objetivo principal do capítulo é mostrar os argumentos com os quais foi construída a imagem canônica de Smith. No capítulo seguinte, o objetivo é defender que o agente econômico da TSM – o homem prudente – é reflexo do contexto, dos hábitos, e das regras sociais do ambiente em que está inserido. No terceiro capítulo são conectados alguns princípios chave da natureza humana tratados por Smith na TSM e alguns conceitos primordiais à análise econômica por ele realizada na RN para defender o argumento de que a TSM deve ser resgatada para que a RN seja compreendida. Por fim, são apresentadas as considerações finais, que sintetizam as análises realizadas nos capítulos precedentes.

¹ Adam Smith construiu suas bases morais e filosóficas através da leitura aprofundada de inúmeros autores, como os clássicos Aristóteles, Platão, Cícero, Sêneca, e os de sua época, como, por exemplo, Montesquieu, Voltaire, Diderot, Hobbes e Pufendorf. A escolha aqui foi se ater nas bases morais e filosóficas que o próprio Smith tratou na TSM: estoicos, Francis Hutcheson e David Hume. Para uma análise mais aprofundada em relação ao tema ver: Morrow (1923), Vivenza (2001), Dooley (2003), Pesciarelli (1999).

1 A LEITURA TRADICIONAL DA OBRA DE SMITH E A BASE MORAL E FILOSÓFICA DO AUTOR

1.1 Introdução

Este capítulo tem como objetivo principal contextualizar o ambiente em que Smith estava inserido ao escrever seus livros. Para isso, é apresentada uma biografia do autor e algumas de suas bases filosóficas e morais. Os objetivos específicos do capítulo são: conhecer o contexto familiar e acadêmico no qual ele construiu sua personalidade e o impacto que este contexto exerceu sobre seus escritos; apresentar os pontos de concordância e ruptura entre as suas análises e as de predecessores, como os autores estoicos Zenão e Sêneca, Francis Hutcheson e David Hume; analisar os argumentos de autores relacionados à Escola Histórica Alemã e Jacob Viner e Louis Dumont a respeito de uma suposta mudança de ponto de vista de Smith entre um livro e outro; e, o impacto destes argumentos no modo como ele é tradicionalmente retratado.

O principal questionamento deste capítulo é o seguinte: a visão canônica de Smith condiz realmente com o que ele escreveu em seus livros? Ou, o que é ensinado nos livros de História é uma visão deturpada, tanto do homem Adam Smith, quanto do escritor?

Neste capítulo, o ponto de vista defendido é o de que a leitura tradicional de sua obra não retrata fielmente os argumentos utilizados por ele ao estudar os processos sociais (dentre eles o processo econômico), e esquece sua explicação da sociabilidade enquanto consequência do conjunto de hábitos e costumes observáveis dentro dos diferentes grupos sociais.

Além desta introdução, o capítulo conta com mais quatro seções: na segunda é apresentada a biografia de Smith, com a análise de sua vida familiar e profissional; na sequência é analisada a leitura tradicional acerca de sua obra; a quarta seção trata das bases filosóficas e morais de Smith e suas influências sobre a abordagem por ele realizada na TSM e na RN. Por fim, na última seção, é realizada uma síntese do capítulo.

1.2 Adam Smith: exemplo enquanto filho, professor e amigo

1.2.1 A infância e os primeiros anos como estudante

Adam Smith, que recebeu o mesmo nome de seu pai, nasceu no verão de 1723 no Condado de Fife. Mais precisamente, ele nasceu na cidade de Kirkcaldy, que na época era um pequeno porto no estuário do Rio Forth com cerca de 1500 habitantes - na margem oposta àquela em que fica a cidade de Edimburgo [margem sul] - na Escócia. Embora a sua data exata de nascimento seja desconhecida, ele foi batizado em 5 de junho de 1723.

Segundo Raphael (1985) Adam Smith, o pai (1679 – 1723), exerceu a advocacia em Edimburgo e atuou como secretário particular de Hugh Campbell - conde de Loudoun (defensor dos interesses do Duque de Argyll) - à época da União Parlamentar entre Inglaterra e Escócia (1707). Por ocasião da aposentadoria do conde em 1713, o pai de Smith foi nomeado como Controlador da Alfândega em Kirkcaldy em 1714. Ele se casou duas vezes. Sua primeira esposa, Lílias Drummond, faleceu em 1717. A segunda esposa, Margaret Douglas Smith, de 20 anos, com a qual casou em 1720, era a quinta filha de um destacado fazendeiro (Robert Douglas) do condado de Fife. Com ela, viveu até sua morte, poucos meses antes do nascimento de Smith.

De acordo com Kennedy (2008), devido à frugalidade de seu marido, Margaret herdou renda e bens suficientes para que pudesse prover uma boa educação ao pequeno Adam. Ela, enquanto viúva e mãe solteira, estabeleceu-se perto de seus familiares. E pôde, além disso, contar com o apoio consultivo em relação às questões financeiras de um círculo de influentes cidadãos locais, a quem seu marido, a título de prudência, tinha designado como guardiões de seu filho que estava por nascer, em caso de sua falta².

Com a idade de quatro anos, conforme Rae (1895) ocorreu um fato curioso na vida do jovem Smith. Em uma visita à casa de seu avô, na vila vizinha de *Strathenry*, ele foi raptado por um bando de ciganos e por algumas horas ficou desaparecido. Por sorte, um homem cruzou com o grupo de busca que havia se formado para encontrar o menino, e, informou que havia cruzado, em uma estrada a alguns quilômetros da vila, com uma cigana carregando uma

² Dentre estes estavam, por exemplo, o avô de Robert Adam – que se tornaria mundialmente famoso como arquiteto no estilo clássico. Um rico construtor; James Oswald de Dunning, cujo filho mais velho, James Oswald, viria a ascender ao governo britânico em 1715; e, os irmãos Argyll (segundo e terceiros Duques), que estavam entre as pessoas de maior influência em relação aos cargos públicos na Escócia da primeira metade do século XVIII (BUCHAN, 2008).

criança que chorava copiosamente. Na localidade de *Leslie Wood*, ao se ver perseguida, a cigana o abandonou.

Em seus primeiros anos de vida, Smith foi uma criança fraca e enferma, e desde esta época já apresentava como característica um “intenso nervosismo; sua cabeça tremia e ele falava aos tropeços, muitas vezes consigo mesmo, de um jeito esquisito” (HEILBRONER, 1996, p.45). Sua mãe, Margaret, se mostrou por toda a vida, excessivamente zelosa e carinhosa. O fato de ter ficado viúva bastante jovem - ter tido um único filho, nascido logo após a morte de seu marido - fez com que os laços entre Margaret e Adam permanecessem excepcionalmente fortes durante toda a vida de ambos (RAPHAEL, 1985).

Conforme Rae (1895), Margaret foi do início ao fim da vida de Smith a pessoa a quem ele mais amou. Eles foram inseparáveis em sua infância, e, mesmo após ele ter se tornado um homem famoso e ter recebido grandes honrarias, continuava a considerar sua mãe como o mesmo porto seguro de sua infância. De acordo com este mesmo autor, muitos amigos de Smith relataram a seus biógrafos a bonita afeição e adoração respeitosa com a qual ele demonstrava seu amor por ela. O conde de Buchan, irmão mais velho do *Lord Chancellor Erskine*, por exemplo, que conviveu intimamente com a família de Smith nos últimos trinta anos de sua vida, afirmava que o principal caminho para se chegar ao coração de Adam sempre havia sido através de Margaret.

Kennedy (2008) argumenta que algumas das experiências pessoais da infância de Smith junto a Margaret serviram de inspiração para passagens de sua obra e, como exemplo, cita a seguinte passagem da TSM:

“Quais as dores de uma mãe quando houve os gemidos de seu filhinho que, na agonia da enfermidade, não consegue expressar o que sente? Na sua ideia do que a criança está sofrendo, ela soma ao real desamparo da criança sua própria consciência desse desamparo, e seu próprio terror das consequências desconhecidas dessa perturbação; e de tudo isso forma, para sua própria dor, a mais completa imagem da desgraça e da aflição. O bebê, entretanto, sente apenas o desconforto do momento presente, que nunca pode ser muito grande” (SMITH, 1999, p. 10).

Em 1730, aos sete anos, Smith passou a frequentar, como afirma Buchan (2008), uma pequena escola de duas salas chamada *Burgh School* na rua *Hill*, em Kirkcaldy. Naquela escola, ele aprendeu as primeiras lições de latim e gramática – equivalente hoje ao ensino fundamental e médio. Embora pequena, a *Burgh School* tinha a fama de ser uma das melhores escolas secundárias da Escócia na época, e seu diretor, o Sr. David Millar, era considerado um dos melhores mestres. Entre 1730 e 1737, Smith passou por um treinamento com David

Millar de, no mínimo, quatro anos na leitura de autores clássicos e ficou conhecido pela sua disposição para os estudos, seu amor pela leitura, e seu poder de memorização (RAE, 1895).

1.2.2 Em Glasgow - como aluno – (1737/1740)

Aos quatorze anos, Smith havia avançado muito, fosse no estudo dos autores clássicos, fosse no da matemática. Além de seus prodígios como aluno na *Burgh School*, a influência de seus guardiões também facilitou a sua aceitação na Universidade de Glasgow (1737) e posteriormente em Oxford (1740). A Universidade de Glasgow que na época era politicamente vinculada com os interesses do duque de Argyll reconheceu o jovem Adam como o “filho do falecido senhor Adam Smith de Kikcaldy”³ (RAE, 1895).

A Universidade de Glasgow situava-se na rua *High*, próxima a catedral de Glasgow e tinha cerca de 300 estudantes. Em sua maioria, eles eram destinados ao ministério presbiteriano. Por volta de 1730, esta universidade estava “começando a irradiar sua intensa atmosfera sectária, sob o encanto de vários professores, liberais em religião e também em política” (BUCHAN, 2008, p. 29).

De acordo com RAE (1895), o currículo completo de Artes na Universidade de Glasgow, na época, exigia a conclusão de cinco sessões. Como Smith concluiu três – frequentando aulas de Latim, Grego, Matemática e Filosofia Moral –, ele não completou as exigências requeridas para obter o grau conferido por aquele curso. Em compensação, durante os três anos que passou como aluno em Glasgow, Smith frequentou as *lectures* de três professores que iriam servir de modelo para sua futura carreira. Os professores Robert Simson – Matemática; Alexander Dunlop – Grego; e, Francis Hutcheson – Filosofia Moral.

Conforme Berry (2006), em seu primeiro ano como aluno em Glasgow, Smith teve aulas de matemática com o senhor Simson, que na época era considerado como um dos maiores especialistas europeus em matemática euclidiana. O jovem aluno sempre devotou profundo respeito e admiração a este professor. Respeito e admiração que permaneceram intocados, mesmo após a fama. Na última edição da TSM, publicada logo após a sua morte,

³ O pai de Adam Smith havia exercido o cargo de responsável pelo cartório do Tribunal Marcial e do Conselho de Guerra, na Escócia, e, em especial, havia sido particularmente ativo durante os anos de 1714-1716 na campanha contra a rebelião jacobita, em que, o segundo duque de Argyll comandara todas as forças armadas no norte da Grã-Bretanha (KENNEDY, 2008).

Smith inseriu uma grande homenagem aos dons e ao caráter do professor Simson (RAE, 1895).

“Os dois maiores matemáticos que eu já tive a honra de ter conhecido, e creio eu, os maiores que viveram no meu tempo, o Dr. Robert Simson de Glasgow e o Dr. Matthew Stewart de Edimburgo, nunca deram mostras de se perturbar minimamente com a negligência com que a ignorância do público recebeu alguns de seus trabalhos mais valiosos” (SMITH, 1999, p. 155).

Para Rae (1895), com isto, Smith pretendia ilustrar sua argumentação de que os homens de ciência, em geral, costumam ser bem menos sensíveis às críticas do grande público do que, por exemplo, os poetas ou os pintores. Pois, enquanto a excelência do trabalho dos primeiros admite uma demonstração satisfatória, a excelência do trabalho dos últimos depende do julgamento arbitrário das preferências do grande público.

O professor Alexander Dunlop, por sua vez, era um homem de extrema erudição e que se utilizava de um método de ensino bastante envolvente. Durante o primeiro ano (primeira sessão), ele passava a maior parte do tempo ensinando os elementos da gramática grega. Isto se mostrava como uma necessidade, uma vez que a maioria de seus alunos iniciava o curso sem ter tido qualquer contato prévio com a língua grega. Somente, no segundo ano, quando os alunos estavam em condições de acompanhá-lo na leitura, é que o senhor Dunlop os apresentava a alguns dos principais clássicos em sua língua original (RAE, 1895).

Mas, acima de todos, o que mais fortemente serviu de inspiração e modelo como professor para Smith foi Francis Hutcheson⁴. Este, em suas *lectures*, abordava assuntos relacionados à Ética, Jurisprudência e Economia e foi quem “lançou as bases para que Smith construísse suas próprias ideias nessas áreas” (RAPHAEL, 1985, p. 9).

Conforme Buchan (2008), as *lectures* de Hutcheson despertavam bastante interesse em seus alunos⁵, e diferentemente das de seu antecessor, não eram em Latim, mas em Inglês. Em suas *Lectures* Hutcheson englobava desde o pensamento sistematizado acerca do casamento e constituição familiar, passando por temas relacionados a costumes primitivos, história das

⁴ O manuscrito do livro “Um Sistema de Filosofia Moral”, que viria a ser publicado em 1755, era usado por Hutcheson em suas *lectures* desde 1737. Adam Smith, provavelmente, assistiu estas *lectures* entre 1738 e 1739 (DOOLEY, 2003).

⁵ Em relação ao estudo da Política, por exemplo, as *lectures* de Hutcheson exerceram importante influência prática na opinião de seus alunos. As suas defesas dos princípios de liberdade religiosa e política trouxeram novas luzes a estes temas, de modo que, nenhuma de suas *lectures*, segundo o diretor Leechman – seu colega em Glasgow -, deixou impressão maior do que aquela em que ele fez a sua exposição desses princípios. Ainda conforme o senhor Leechman, poucos de seus alunos, após o fim das suas *lectures*, não se impregnou em maior ou menor grau pelo mesmo amor à liberdade que animava o mestre. Este amor à liberdade iria influenciar toda a futura obra de Adam Smith (RAE, 1895).

instituições, das religiões, Ética e, até mesmo, Economia Política. De acordo com este mesmo autor, nestas *lectures*, Hutcheson procurava descobrir os princípios norteadores das concepções humanas de, por exemplo, mérito e demérito, bem ou mal, justo ou injusto. Temas que seriam caros à análise empreendida por Smith na TSM.

Hutcheson, além de um pensador de grande originalidade, era um conferencista acadêmico respeitável e nenhum outro homem contribuiu tanto para despertar o intelecto de Smith ou dar rumo as suas ideias quanto ele: “*He is sometimes considered a disciple of Hume and sometimes considered a disciple of Quesnay; if he was any man's disciple, he was Hutcheson's*” (RAE, 1895, II. 3).

Segundo Buchan (2008), a base para a *lecture* particular ministrada por Hutcheson, ao meio dia, era o pensamento da antiga escola filosófica conhecida como “Os Estoicos”, cujos ensinamentos foram preservados nos textos do orador romano Cícero e do imperador Marco Aurélio – Hutcheson chegou mesmo a traduzir os textos de Marco Aurélio e os utilizou em suas *lectures* de 1742. Na TSM, Smith viria a analisar detalhadamente alguns dos principais pontos de vista desta escola filosófica (pontos que serão tratados na sequência deste trabalho). Além disso, ainda conforme este autor, através da leitura dos livros de hutcheson - “Uma breve introdução à Filosofia Moral” de 1747 (livro que reunia as suas *lectures*) e “Sistema de Filosofia Moral” de 1755 - é possível notar que temas caros à futura análise econômica de Smith já haviam sido abordados pelo seu “nunca esquecido” mestre de Glasgow. Temas como, por exemplo, divisão do trabalho, propriedade privada, dinheiro, preços reais e nominais, juros e seguros.

“Ningún hombre puede deber tanto a una sociedad como yo le debo a la Universidad de Glasgow. Me educaron, me enviaron a Oxford, poco después de mi regreso a Escocia me eligieron como uno de sus miembros y después me prefirieron para outro cargo para el cual las cualidades y virtudes del nunca olvidado Dr. Hutcheson habian dado un superlativo grado de ilustración. El periodo de 13 años que pasé como miembro de esa sociedad lo recuerdo como el periodo más útil, y por tanto el más feliz y honorable de mi vida; y ahora, después de 23 años de ausencia, el ser recordado de una manera tan grata por mis viejos amigos y protectores me produce un gozo que no puedo fácilmente expresar” (COLE, 1995).

A gratidão de Smith tanto ao professor Hutcheson, quanto à Universidade de Glasgow - que é possível perceber através de sua carta ao senhor Archibald Davidson em 16 de novembro 1787, como aceite ao cargo de reitor daquela universidade (cargo no qual permaneceria até 1789, pouco tempo antes de vir a falecer) – foi muito além dos simples laços acadêmicos.

1.2.3 Os estudos em Oxford (1740/1746)

De Glasgow, Smith partiu para o *Balliol College* na Universidade de Oxford, na Inglaterra, em 1740, após ter recebido uma bolsa de estudos - *Snell Exhibition* - da Fundação Snell⁶. Esta bolsa, de 40 Libras por ano era uma premiação destinada a apoiar a formação de destacados estudantes para que, futuramente se tornassem ministros da igreja escocesa - Igreja Episcopal (RAPHAEL, 1985).

De acordo com Rae (1895), em seu primeiro dia em Oxford, ao jantar no salão do *Balliol College*, Smith caiu em um devaneio à mesa, e por certo tempo, pareceu ter esquecido a refeição. O torpor só acabou quando, em tom jocoso, o criado afirmou que seu estado deveria estar relacionado ao fato de que, provavelmente, na Escócia, Smith nunca havia tido a oportunidade de se deparar com um bife tão grande. Segundo este mesmo autor, a nacionalidade de Smith, em seu tempo em Oxford, parece ter lhe ocasionado problemas bem mais sérios do que aquela zombaria bem humorada por parte do criado.

Para Buchan (2008), em Oxford, surgiram os primeiros sinais de depressão e hipocondria, além de terem se agravado os tremores de cabeça e a distração, características que acompanhariam Smith por toda vida.

“Eram comuns as anedotas sobre sua distração. Certa ocasião saiu de casa vestindo apenas a camisa de dormir e caminhou mais de vinte quilômetros antes de perceber o que fizera. Uma outra vez, enquanto passava por uma rua na companhia de um amigo eminente em Edimburgo, um guarda lhe apresentou armas, e Smith, que fora inúmeras vezes cumprimentado daquela maneira, pareceu ficar hipnotizado pela saudação do soldado; retribuiu o cumprimento com a bengala e espantou ainda mais seu acompanhante ao imitar com exatidão cada gesto do guarda, repetindo os movimentos da lança com a bengala. Quando o encanto se quebrou, Smith encontrou-se em pé diante de uma escadaria, com a bengala erguida. Sem ter ideia do que havia feito, ele abaixou a bengala e continuou a conversa no ponto em que a interrompera” (HEILBRONER, 1996, p.46).

Em comparação com a Universidade de Glasgow (uma das universidades mais pobres da Europa), a Universidade de Oxford (uma das mais ricas), na época em que Smith lá foi

⁶ Sir John Snell (1629 – 1679), que havia estudado em Glasgow, estipulou em 1677, quando da realização de seu testamento, que seu espólio deveria ser utilizado para a criação de uma fundação que disponibilizasse uma bolsa anual para que estudantes de Glasgow pudessem realizar cursos de Pós Graduação em Oxford. Pelos termos desta bolsa, os agraciados eram obrigados, sob pena de ter que pagar uma multa de 500 libras em caso contrário, a após concluírem os estudos, entrar para a Ordem e servir à Igreja Episcopal (RAE, 1895).

aluno, encontrava-se em um período de grande obscurantismo acadêmico⁷. Conforme Rae (1895), quando Jean-Pierre de Crousaz (1663 – 1750) visitou Oxford no início do século XVIII, comentou que os catedráticos daquela instituição se mostravam tão ignorantes acerca da nova filosofia (Hugo Grotius; Thomas Hobbes; Samuel Pufendorf; René Descartes), quanto os selvagens que habitavam o novo continente. Conforme o passar das décadas daquele século, a situação chegou ao ponto de Jeremy Bentham, que havia se bacharelado em Oxford em 1763, afirmar que os três anos que lá havia passado, “tinham sido os mais estéreis e inúteis de sua vida” (RAE, 1895, III. 5). O próprio Smith, na RN afirma que:

“Na Universidade de Oxford, a maioria dos professores oficiais, durante os últimos anos, abandonou totalmente até mesmo a pretensão de lecionar, [os professores são] muito indulgentes entre si, cada um consentindo em que seu vizinho possa negligenciar seu dever, desde que a ele próprio também seja permitido negligenciar o seu” (SMITH, 2003, p. 965).

Davis (1963 *apud* Buchan, 2008), afirma que os deveres delegados aos estudantes do *Balliol College*, na época de Smith, eram tão escassos⁸, que muitos costumavam passar horas, todos os dias, observando as passagens das carruagens. Mas, Smith, não desperdiçou os anos que passou em Oxford: “*His studies seem to have been largely self-directed*” (RAPHAEL, 1985, p. 10).

Conforme Rae (1895), mesmo com todo obscurantismo e falta de empenho em ensinar por parte dos professores, o *Balliol College*, entretanto, apresentava uma grande vantagem para uma mente sempre ávida por conhecimento, como a do jovem Smith. Existia lá, uma das melhores bibliotecas universitárias, não só da Universidade de Oxford, mas também de toda a Europa. Local em que ele teve acesso a um grande acervo de autores clássicos - gregos e latinos - e literatura francesa (a partir dos quais, ele traduzia as passagens que mais gostava para o inglês).

De acordo com o biógrafo de Smith, e também filósofo, Dugald Stewart, foi provavelmente em sua época em Oxford, que Smith aprofundou o conhecimento em estudos linguísticos:

⁷ Por exemplo, Smith contou aos seus amigos, que em sua época de estudante em Oxford, ao ser encontrado lendo o livro “Tratado da Natureza Humana” de David Hume, foi severamente admoestado e teve o exemplar confiscado. Pois, este livro, para os responsáveis pela “educação” em Oxford, era uma obra ateuística e capaz de subverter a moralidade (RAPHAEL, 1985).

⁸ O regime de ensino consistia em orações, duas vezes por dia e *lectures* duas vezes por semana - segundo o próprio Smith em correspondências a amigos - por professores indiferentes à qualidade daquilo que difundiam (KENNEDY, 2008).

“O conhecimento que [Smith] tinha delas [línguas], fossem antigas ou modernas, era extraordinariamente amplo e acurado. E não se servia desse conhecimento para exibir uma erudição de mau gosto, mas para estabelecer um elo de ligação com tudo o que pudesse lançar luz sobre as Instituições, os costumes, e as ideias de diversas épocas e nações” (STEWART, 1999).

Foi em Oxford, que Smith construiu as bases daquela que seria a sua obra póstuma – publicada pelos seus testamenteiros, os cientistas James Hutton e Joseph Black: “A História da Astronomia”⁹ (BUCHAN, 2008).

Em agosto de 1746, Smith voltou à Escócia a fim de visitar Margaret pela primeira vez desde que tinha saído de Glasgow – seis anos antes. Durante esta visita, Smith decidiu não mais continuar seus estudos no *Balliol College* (nunca mais voltaria para Oxford). Mas, apenas em 4 de fevereiro de 1749 (dezoito meses após ter deixado Oxford), ele enviou uma carta de renúncia aquela instituição¹⁰. Nesta missiva, Smith renunciava a todo e qualquer direito ou título proporcionado pela *Snell Exhibition* (RAE, 1895).

1.2.4 Pós Oxford (1746 - 1750)

A renúncia da bolsa por Smith não lhe trouxe sérios problemas. Isto ocorreu devido às cortes inglesas, à época, considerarem que a multa de 500 libras era um vínculo sem força de execução. Por exemplo, dos dez bolsistas da fundação Snell que tinham precedido a Smith, apenas seis foram ordenados ministros da Igreja Episcopal. E, daqueles que iniciaram os estudos em Oxford no mesmo ano que ele, somente um o fez (KENNEDY, 2008).

Os maiores opositores a sua decisão foram seus amigos e parentes mais próximos. Por eles, Smith deveria ter continuado em Oxford, pois, um diploma de tão tradicional universidade, poderia abrir-lhe as portas para as melhores oportunidades, fosse na carreira

⁹ O título completo desta obra – “Os princípios que conduzem e direcionam as investigações filosóficas; ilustrados pela História da Astronomia” – fornece dicas sobre o que pretendia Smith com este trabalho. Ele pretendia examinar os sistemas de Ptolomeu, Copérnico, Descartes e Newton e sua adequação ou não para acalmar a imaginação humana acerca de fenômenos aparentemente inexplicáveis e contraditórios. Smith nesta obra utiliza os escritos destes autores para explicar o amor espontâneo dos homens pela ordem – o espetáculo coerente para a imaginação -, que seria, para Smith, o que verdadeiramente motiva não só as investigações científicas. Mas, sobretudo, os avanços tecnológicos, legais, nos relacionamentos sociais, e, até mesmo, das cadeiras em um aposento (BUCHAN, 2008, p. 35 – 37).

¹⁰ Oxford, pelo menos enquanto ele viveu jamais demonstrou qualquer interesse por Adam Smith. Mesmo após ele ter se tornado, talvez, o seu mais famoso ex-aluno vivo, entre as décadas de 1760 e 1780, sequer foi lhe oferecida a ordinária honraria de um título de doutorado (KENNEDY, 2008).

eclesiástica, para a qual acreditavam - sua família e amigos - ele estava destinado, fosse na carreira universitária, para qual a sua própria natureza o tinha projetado (RAE, 1895).

Porém, Smith após concluir que não tinha vocação para ministro da Igreja Episcopal, decidiu seguir o rumo que considerava ser aquele que mais respeitava as suas próprias inclinações. Assim, “restringiu sua ambição à incerta perspectiva de conseguir algum desses cargos modestos aos quais a profissão literária conduz as pessoas na Escócia” (STEWART, 1999, p. XVI).

Smith, conforme Kennedy (2008), quando retornou para Kirkcaldy, além de falar um Inglês fluente e sem o tão criticado sotaque escocês, apresentava um conhecimento vasto e sólido em Literatura Clássica, Literatura Moderna, Ciências Naturais e Filosofia Moral. Na época, ele tinha a esperança de ser contratado como tutor (uma espécie de professor particular) de algum jovem nobre¹¹.

De acordo com Rae (1895), inicialmente a intenção de Smith não se confirmou, e, ele ficou morando com sua mãe por dois anos (entre o outono de 1746 e o outono de 1748) sem qualquer emprego regular. Segundo este mesmo autor, entre os amigos mais íntimos da família Smith estavam James Oswald – filho de seu antigo guardião -, colega de escola de Smith, que havia se tornado um advogado de renome, e, Henry Homes. Henry, (um juiz escocês que no futuro tornou-se Lord Kames) era amigo íntimo de James Oswald. Ambos ajudaram Smith a criar uma reputação, de modo a consolidar sua carreira como professor (KENNEDY, 2008).

Os dois amigos organizaram uma série de *lectures* públicas sobre retórica e belas letras a serem proferidas por Smith na cidade de Edimburgo no inverno de 1748¹². Estas *lectures* não estavam vinculadas a qualquer curso da Universidade de Edimburgo, mas mesmo assim, foram bastante frequentadas por seus alunos de Direito e Teologia. O sucesso foi tão grande que, nos três anos seguintes, após ter incluído nestas *lectures* sessões sobre direitos civis (de modo a beneficiar seus estudantes de Direito), em sua “plateia” encontravam-se, também, inúmeras das pessoas mais proeminentes da vida cultural da cidade¹³.

¹¹ Viajar como tutor de um jovem da alta nobreza e riqueza, era então, uma ocupação muito desejada e altamente remunerada, pelos padrões da época (RAE, 1895).

¹² Estes temas estavam na moda, e, apesar de Stevenson (professor de lógica da Universidade de Edimburgo na época) já ter realizado *lectures* sobre eles aos seus alunos, uma inclusive em inglês, ninguém ainda havia realizado *lectures* sobre tais temas – em inglês e não em latim - que fossem abertas ao público em geral. Nas *lectures* entre 1749 e 1751, por exemplo, Smith incluiu sessões nas quais abordava temas relacionados à Economia – o estudo da doutrina de liberdade comercial, entre eles (RAE, 1895).

¹³ As *lectures* de Smith contavam com outras presenças ilustres, além de Henry Homes e James Oswald. Pessoas como, por exemplo, Alexander Wedderburn (futuramente Lorde Chanceler da Inglaterra), William Johnstone (que por muito tempo foi um dos membros mais influentes do Parlamento) e o Doutor Blair, que algum tempo

Pelas *lectures*, o salário de Smith era de aproximadamente 100 Libras, o que equivalia ao salário de um professor universitário na época (RAPHAEL, 1985). Este foi o período também, conforme Buchan (2008), que Smith estreitou seus laços de amizade com David Hume, que em 1749 havia retornado de um período passado na Inglaterra.

De acordo com Raphael (1985), este sucesso das *lectures* foi tanto que, ao final do ano de 1750, quando a cadeira de lógica na Universidade de Glasgow ficou vaga, ela foi imediatamente oferecida à Smith. Na sequência, será explicado porque motivos este processo não foi assim tão sereno.

1.2.5 O retorno a Glasgow como professor (1751 – 1764)

As *lectures* realizadas em Edimburgo, além de proporcionarem prestígio à Smith, segundo Rae (1895), tornaram possível que com a morte do senhor Loudon, antigo professor de lógica na Universidade de Glasgow, em 1750, Smith fosse nomeado para seu lugar, e, que assim começasse o seu período de 13 anos como professor naquela instituição. Um período, que o próprio Smith considerou como o mais feliz de sua vida.

Porém, conforme Kennedy (2008), o caminho para que Smith pudesse ocupar a vaga de Loudon não foi tão fácil quanto Raphael (1985) e Rae (1895) fazem parecer. Novamente, mesmo com todo seu talento, ele precisou contar com o apoio de seus amigos.

A morte do senhor Loudon ocorreu em primeiro de novembro de 1750. Algumas semanas depois, o colegiado que dirigia a universidade iniciou as sondagens acerca dos potenciais candidatos que pudessem substituí-lo. Dentre estes nomes, os dois que mais se destacaram foram o do senhor George Muirhead - graduado em Línguas pela Universidade de Edimburgo em 1742 e que havia sido ordenado como ministro da Igreja Episcopal em 1746 – e o de Smith. Os velhos conselheiros deste, Homes e Oswald, discretamente sondaram as inclinações daqueles que poderiam influenciar a decisão final. Na época, para um concorrente ser bem sucedido se fazia necessário o apadrinhamento de um forte “*interest*”¹⁴. Na Escócia, naquela época, a família Argyll, com a qual a família de Smith tinha boas conexões desde a época de seu pai, era a que detinha o mais forte “*interest*” (KENNEDY, 2008).

depois viria também a ministrar *lectures* com a mesma temática – e que para isso, utilizou muitas das anotações realizadas ao assistir as *lectures* de Smith (RAE, 1895).

¹⁴ Termo do século XVIII para designar homens de influência, que informalmente, decidiam quem era nomeado para qualquer cargo na sociedade britânica, desde o cargo mais inferior, até o de Ministro da Coroa (BUCHAN, 2008).

Tendo a seu favor o sucesso de suas *lectures* em Edimburgo, Smith acreditava, ainda conforme Kennedy (2008), ter boas chances de obter a vaga. Ele contava que seus aliados (dentre eles, seu primo William Smith, que havia sido funcionário direto do segundo Duke de Argyll) pudessem inclinar Archibald, o terceiro duque de Argyll, a apoiar sua candidatura¹⁵. O que de fato acabou ocorrendo.

Mas, mesmo com tal apoio, ainda assim, houve certo alvoroço por parte de alguns professores de Glasgow a respeito da nomeação de Smith para a cátedra de Lógica, o que envolveu acaloradas correspondências entre eles e o diretor de Glasgow na época, o Dr. Neil Campbell. Um destes professores escreveu ao próprio Duque de Argyll, o que exasperou tanto o Diretor Campbell, quanto o próprio Smith, que soube do fato pelo professor de Anatomia de Glasgow e simpatizante de sua candidatura, William Cullen:

“I beg that for the sake of your quiet and health that you would not indulge in any anger of vexation till you are sure of your facts and which you cannot be with regard to our affairs till you are [present with us]” (KENNEDY, 2008, p. 20).

Em linhas gerais, Cullen, por carta, pedia que Smith não tomasse nenhuma atitude impensada, e, o lembrava que enquanto não fosse um membro efetivo do corpo docente da Universidade de Glasgow deveria se abster de qualquer atitude em relação as questões tratadas por seu colegiado (KENNEDY, 2008).

A fim de encerrar o assunto, de acordo com Kennedy (2008), o Diretor Campbell enviou uma carta, em 9 de janeiro de 1751, para que Smith se apresentasse perante uma banca formada por três professores da Universidade de Glasgow para que fosse aceito formalmente. Entre eles, estava o seu antigo professor de matemática, senhor Robert Simson. Smith precisou defender uma dissertação, denominada “*De Origine idearum*”¹⁶ para provar suas qualificações. Ele fez isto em 16 de janeiro daquele ano e obteve a aprovação unânime da banca. Este evento serviu para silenciar os céticos que desconfiavam de suas não

¹⁵ Earl Ilay, o terceiro duque de Argyll - irmão mais novo de John, o segundo duque, morto em 1743 – havia sido educado na Universidade de Glasgow ao invés de na Universidade de Oxford, o que era incomum para um aristocrata Inglês. Este, como antes dele seu irmão John, possuía considerável influência em relação aos assuntos da Escócia, principalmente sobre os votos dos deputados escoceses no parlamento. Em troca de seu apoio, o governo inglês deixava as nomeações aos cargos escoceses ao critério dos Argylls. Entre 1723 e 1761, John e Earl, juntos, garantiram a nomeação de 55 professores, sendo 20 deles para cátedras na Universidade de Glasgow (KENNEDY, 2008).

¹⁶ *De Origine idearum* - A Origem das Ideias – dissertação na qual Adam Smith precisou explicar o que Platão entendia por “ideias” foi preservada, segundo Hirst (1904), em um fragmento publicado pelos seus executores literários após a sua morte. De acordo com este autor, a dissertação foi lida em latim e recebia o subtítulo de “A História da Lógica e Metafísica Clássica” e já mostrava o extraordinário poder de argumentação teórica de Smith e o seu interesse em questões metafísicas. Embora, estas questões não tenham sido aprofundadas nem na TSM, nem na RN.

comprovadas credenciais e suspeitavam que sua escolha se devia apenas à vontade de agradar ao Duque de Argyll¹⁷. Smith iniciou suas *lectures* na Universidade de Glasgow no início do próximo período letivo – outubro de 1751.

Segundo Buchan (2008), ao chegar a Glasgow, Smith resolveu direcionar a atenção dos alunos para estudos de natureza mais interessante e útil do que a lógica e a metafísica baseada na filosofia medieval, que até então vinha sendo ensinada. Ele adicionou ao curso além da Lógica e Metafísica, Retórica e Belas Letras com o material antes utilizado nas *lectures* de Edimburgo.

O mesmo material serviu também para que Smith fosse indicado para substituir o professor de Filosofia Moral – Thomas Craigie (sucessor de Hutcheson) – que estava de licença médica e acabou falecendo em novembro daquele mesmo ano. Pois, em suas antigas *lectures* existia uma parte que tratava das discussões relacionadas com o Direito e o papel do Governo. Smith assumiu temporariamente as duas cátedras (Lógica e Filosofia Moral), entre novembro de 1751 e abril de 1752, quando optou pela cadeira de Filosofia Moral¹⁸, cujos assuntos – Teologia, Ética, Economia – estavam mais ao seu gosto do que lógica e metafísica (RAPHAEL, 1985).

Estes eventos ocorreram poucos meses antes de Smith completar seu 29º aniversário e “*the first phase of his life concluded and the most productive intellectual phase began. From then on, everything depended on what he did and not on what his father had done*” (KENNEDY, 2008, p. 24).

Segundo RAE (1895), o ciclo de *lectures* de Smith no curso de Filosofia Moral de Glasgow se dividia em quatro partes: a primeira tratava de Teologia Natural, em que eram analisadas as provas da existência e dos atributos de Deus, além dos princípios da mente humana que servem de base para que as religiões existam; a segunda parte era compreendida pelo estudo da Ética e englobava, principalmente, as doutrinas que depois viriam a ser aprofundadas por ele na TSM.

Na terceira parte das *lectures* era abordada a relação entre a moralidade e a Justiça. Sobre este assunto, Smith se esforçava para rastrear o progresso gradual da jurisprudência, tanto pública, quanto privada, partindo das “sociedades” mais rudes até as mais refinadas. O

¹⁷ Em 21 de outubro de 1762, a própria Universidade de Glasgow, por unanimidade de seu corpo docente, viria a conceder o grau de Doutor em Direito à Adam Smith devido a sua universalmente reconhecida reputação em Letras e Jurisprudência (ROSS, 1995).

¹⁸ David Hume se candidatou à cadeira de Lógica, a qual lhe foi negada, por dois motivos: sofria oposição do Presbitério de Glasgow e não contava com o apoio do Duque de Argyll (BUCHAN, 2008).

objetivo desta divisão do curso era apontar as contribuições dos distintos tipos de sociedade para a subsistência e, posteriormente, para a acumulação dos meios produtivos e nas alterações nas leis e nas formas de governo. Esta terceira parte das *lectures*, Smith pretendia trazer ao conhecimento do grande público – conforme mencionado na conclusão da TSM –, mas não teve tempo para isso (RAE, 1895).

A quarta parte do ciclo era constituída pela análise das regulações políticas fundamentadas não no princípio da Justiça, mas, no da conveniência (adequação). Princípios estes, norteadores da busca pelo aumento da riqueza, poder e prosperidade de um Estado. Com base nesta visualização, Smith abordava em suas *lectures* – que continham as bases do trabalho que se tornaria futuramente “A Riqueza das Nações” – as instituições políticas relacionadas ao comércio, às finanças e aos estabelecimentos eclesiásticos e militares (RAE, 1895).

Segundo Raphael (1985), embora Smith não tivesse a mesma eloquência de Hutcheson, ele tinha o dom de expor os assuntos de maneira clara e de torná-los mais compreensíveis através da utilização de exemplos históricos e do cotidiano. A exemplo de Hutcheson, ele também levava muito a sério suas responsabilidades com relação a seus alunos. Iniciava suas *lectures* regulares uma hora mais cedo a cada dia da semana. Ao término de cada aula, seguia-se uma discussão informal¹⁹. Ministrava também tutorias individuais para alguns alunos por ele selecionados e exigia que os estudantes, que eram pensionistas particulares em sua residência – administrada por sua mãe e uma tia, Janet Douglas – tivessem um meticuloso cuidado com a saúde e o desenvolvimento pessoal.

Apesar de sua fama de distraído, Smith, durante os anos como professor em Glasgow, adicionalmente desempenhou funções administrativas importantes. Foi durante um período significativo de tempo, ora encarregado dos assuntos jurídicos e financeiros, ora responsável pela fiscalização dos trabalhos de construção dentro do campus. Também era quem escrevia os discursos para as ocasiões cerimoniais e tratava das relações institucionais entre a Universidade de Glasgow com a de Edimburgo e a de Oxford (BUCHAN, 2008).

¹⁹ Em relação a preocupação de Smith com a qualidade de suas *lectures*, um exemplo foi mencionado por um de seus ex-alunos, o senhor Archibald Alison. De acordo com ele, Adam Smith se preocupava muito mais do que a maioria dos professores de sua época com relação a simpatia de seus ouvintes. Algumas vezes ele selecionava um de seus alunos, geralmente aquele que tinha como característica mais facilmente se dispersar, como uma espécie de medidor do interesse da classe. Smith fazia com que este aluno sentasse em um lugar no qual constantemente estivesse sob suas vistas. Caso este aluno se inclinasse para frente para ouvir o que estava sendo apresentado, tudo estava indo bem. Por outro lado, caso ele se inclinasse para trás, numa atitude de displicência, Smith ou mudava de assunto ou o estilo de seu discurso (RAE, 1895).

Smith foi ainda tesoureiro da Universidade de Glasgow durante seis anos - período muito mais longo do que o usual -, e, próximo do término de seu período como docente naquela instituição (final da década de 1750 e início da década de 1760) exerceu os cargos de Decano da Faculdade e Vice Reitor da Universidade (RAPHAEL, 1985).

Conforme Buchan (2008), em meio a tantos afazeres, Smith ainda participava dos encontros de duas sociedades em Edimburgo. A *Philosophical Society*, para a qual havia sido eleito em 1752 e a *Select Society*, da qual foi, além de membro fundador (em 1754), o primeiro presidente. Esta última sociedade contava com membros como David Hume e Henry Home, e tinha por objetivo congregar membros progressistas da Igreja, do Direito e da pequena nobreza em defesa de um Estado escocês laico.

Com base no que foi exposto acima, é possível intuir que na década de 1750, Smith foi um participante extremamente ativo no corpo docente da Universidade de Glasgow e na sociedade de Edimburgo. Mas, ainda assim, incrivelmente, sem descuidar de suas funções, ele conseguiu escrever a obra que faria com que seu nome ultrapassasse as fronteiras da Escócia, a TSM, lançada em 1759.

1.2.6 Smith como tutor do futuro Duque de Buccleuch (1764 – 1766)

Desde 1760, logo após o lançamento e imediato sucesso da TSM, Smith passou a desfrutar de uma considerável reputação, não apenas na Escócia, mas, principalmente em Londres e, poucos anos depois, na França, com a tradução e impressão do livro em francês.

Segundo Buchan (2008), em uma carta a Smith parabenizando-o pelo sucesso do livro, Hume trouxe ao seu conhecimento que Charles Townshend – que futuramente viria a ser chanceler do tesouro britânico e criador do imposto sobre o chá das colônias americanas – padrao do terceiro Duque de Buccleuch – Henry Scott - (com 13 anos na época), após ter lido a TSM, decidira pôr a educação do rapaz sob os cuidados de Smith. Conforme este mesmo autor, em outubro de 1763, Townshend escreveu a Smith comunicando-o que o rapaz terminaria os estudos no *Eton College* no Natal daquele ano e lhe oferecendo a sua tutela em uma viagem ao exterior²⁰. Por tal proposta, o jovem professor passaria a receber um salário de

²⁰ Residir no exterior por alguns anos sob a tutela de um tutor conceituado era, na época, uma substituição comumente aceita em relação a uma educação universitária. O duque de Buccleuch, por exemplo, nunca foi

300 Libras por ano, e, após a sua conclusão, teria direito a receber do jovem Duque uma pensão vitalícia de 300 Libras por ano. Surgia assim, a oportunidade de realizar o projeto que não havia conseguido satisfazer em 1746.

Smith aceitou a proposta. Um dos motivos principais para isto, sem dúvida, foi o fator financeiro. Pois, além de receber o dobro do que recebia como salário enquanto professor da Universidade de Glasgow, receberia esta quantia até o fim de sua vida. Na época, os professores escoceses não tinham nenhuma renda assegurada para a velhice (RAE, 1895).

Outros dois motivos importantes que influenciaram Smith a aceitar a proposta foram: o seu desejo de conhecer empiricamente outra sociedade política – e, para isto, nada melhor do que a França com seu sistema absolutista, diametralmente oposto ao inglês de rei fraco e parlamento poderoso; e, a ansiedade por conhecer pessoalmente os famosos filósofos franceses da época, como Helvétius e Voltaire (BUCHAN, 2008).

Segundo Rae (1895), com base nos registros da Universidade de Glasgow, em novembro de 1763, Smith solicitou uma reunião do colegiado afim de comunicar que, provavelmente, em um futuro próximo, devido a interesses particulares, precisaria deixar suas funções abruptamente – talvez, em meio ao período letivo. Caso isto viesse a ocorrer, ele se responsabilizava em: primeiramente, ressarcir a todos os seus alunos as taxas deles recebidas (se algum se recusasse a recebê-las, Smith as devolveria à Universidade); e, em segundo lugar, independentemente do período estar no início ou no fim, as *lectures* que faltassem deveriam ser ministradas aos alunos, de maneira gratuita, por uma pessoa a ser nomeada pela Universidade, pessoa esta, cujo salário (estipulado pelo colegiado) seria pago por Smith, até o término do período letivo. Conforme este mesmo autor, a solicitação de Smith foi aceita por unanimidade, e, com base nisto, em 9 de janeiro de 1764, ele deixou a Universidade de Glasgow. O próprio Smith indicou seu substituto na cátedra de Filosofia Moral, o senhor Thomas Young, estudante de teologia, cujo salário ele pagaria até o final daquele período letivo²¹.

enviado a uma universidade. Após retornar de sua viagem com Smith, quase que imediatamente, casou-se e passou a exercer os deveres que sua condição de nobre exigia (RAE, 1895).

²¹ Este episódio retrata a meticulosidade do caráter de Smith. Um outro exemplo disto, ocorreu quando, após, com a indicação do Duque de Buccleuch, Smith ter assumido a função de comissário da aduana de Edimburgo (1787), ele quis devolver a pensão vitalícia à família do Duque, que recusou-se a aceitar. Em contraste, Adam Ferguson, professor de Edimburgo à época, em sua viagem como tutor de lorde Chesterfield, recusou-se a abrir mão de sua cátedra. Quando a universidade tentou substituí-lo ele recorreu ao sistema judiciário e saiu vitorioso (BUCHAN, 2008).

Em fevereiro de 1764, Smith e Henry, então com 17 anos, chegaram a Toulouse²², cidade na qual ficaram até o mês de setembro. De Toulouse partiram para Bordeaux, onde encontraram com o irmão mais novo de Henry, Hew. Os três visitaram alguns lugares do sul da França, e, em outubro de 1765, dirigiram-se para Genebra, onde permaneceram por dois meses. Nesta cidade, Smith conheceu Voltaire. De Genebra, partiram para Paris, cidade em que permaneceram entre janeiro e outubro de 1766. Em Paris, Smith foi apresentado aos círculos sociais/literários por seu amigo Hume que estava deixando a cidade onde havia morado nos últimos anos, para assumir o cargo de Subsecretário de Estado em Londres. Como Hume, “*Smith was popular with the literary ladies of the Paris salons*”²³ (RAPHAEL, 1985, p. 19 – 20).

Foi neste período também que Smith foi apresentado e participou frequentemente das reuniões do grupo de pensadores reformistas – conhecidos como os economistas - liderados pelo médico da corte François Quesnay e que contava com nomes como Mercier de la Rivière, o Marquês de Mirabeau, Pierre Samuel du Pont de Nemours, entre outros. Porém, em outubro daquele ano, um incidente funesto viria a pôr fim à viagem de Smith. Após ter sido atacado nas ruas de Paris, em 15 de outubro, o irmão do Duque, Hew, viria a falecer no dia de seu aniversário de dezenove anos (18 de outubro de 1766). Imediatamente Smith e Henry retornaram à Inglaterra para que o corpo fosse sepultado (BUCHAN, 2008).

Henry sempre demonstrou apreço e gratidão a seu antigo tutor, a ponto de afirmar que após terem passado quase três anos juntos, jamais tiveram qualquer desentendimento e que Smith superou em muito as expectativas nele depositadas pela família Scott. “*We continued to live in friendship till the hour of his death, and I shall always remain with the impression of having lost a friend whom I loved and respected, not only for his great talents, but for every private virtue*” (RAE, 1895).

Smith, por sua vez, teve motivos de sobra para se orgulhar de seu pupilo, pois, embora Henry não tenha se destacado na política, ele se fez singularmente amado pelos seus compatriotas. Além de ter ao longo da vida realizado inúmeras obras de beneficência e atos de

²² Toulouse, na época um dos *resorts* favoritos dos visitantes ingleses. Era a segunda maior cidade da França, e mantinha ainda muito do estilo de uma antiga capital. Era a sede de um arcebispado, de uma universidade, de um parlamento, de academias modernas de ciência e arte. A nobreza possuía residências na cidade e muitos lá passavam o inverno. A sociedade naquela cidade era a mais refinada da França, com exceção de Paris (RAE, 1895).

²³ Smith se tornou amigo da condessa de Boufflers, patronesse de Rousseau e Hume, da Duquesa de d’Anville e da ex-atriz e romancista Marie - Jeanne Riccoboni, que adorava sua filosofia sentimental e o retratava como alegre e risonho, qualidades que o tornavam bem mais atraente (embora isto não se devesse a sua beleza física) do que os pedantes pensadores franceses (BUCHAN, 2008).

patriotismo, cultivou um amor pela ciência, que transformou-se em um legado que por gerações distinguiu a casa dos Buccleuch (RAE, 1895).

Smith permaneceu ainda em companhia de Henry até a data de seu casamento (maio do ano seguinte), quando então retornou para a companhia de Margaret e Janet em Kirkcaldy, onde permaneceria até 1773 trabalhando em seu próximo livro.

1.2.7 Kirkcaldy (1767 – 1773)

Em seu retorno à Kirkcaldy, Smith pretendia dedicar-se a construção de seu novo livro, além de aproveitar a companhia da mãe. Diferentemente do que pensava David Hume, para Smith, a tranquilidade de sua cidade natal lhe bastava.

Neste período, de acordo com Rae (1895), ele se dedicava a seu trabalho, à sua mãe, lia compulsivamente e realizava longas caminhadas a beira mar. Em caso de necessidade de um passeio ocasional, Edimburgo era bastante próxima. Em suas cartas a Hume, Smith afirmava que se sentia extremamente feliz e à vontade, como nunca antes em sua vida. Ele gostava do isolamento e divertia-se ao escrever a RN e estudar outras ciências, como Botânica, por exemplo (BUCHAN, 2008).

Em suas cartas aos amigos, Smith afirmava que sentia muito contente por poder novamente conviver com as pessoas simples de Kirkcaldy que haviam feito parte sua juventude, e, com os seus poucos vizinhos, cujas ocupações em muito se pareciam com as suas próprias e com quem ele retomou o convívio. Dentre estes, estava o seu antigo amigo e protetor, James Oswald, debilitado por uma doença terminal que o levaria a morte dois anos após o retorno de Smith e Robert Beatson - autor de “Memória Naval e Militar da Grã-Bretanha, desde o ano de 1727 até o momento”, escrita em 1790 – (RAE, 1895).

Nesta época, também iriam se agravar e se tornar mais contumazes os episódios de “devaneios” e depressões de Smith, resultados daquilo, que, segundo Buchan (2008, p. 87), o próprio Smith chamava de “saúde ruim surgida da necessidade de dispersão e de se pensar demais numa coisa só”. A título de exemplo, conforme os moradores de Kirkcaldy, em um domingo de manhã, ao sair apenas de robe para andar em seu jardim, Smith tomou o rumo da estrada e, em devaneio, caminhou até a localidade de *Dunfermline*, 15 milhas distante de Kirkcaldy. Ele só viria a despertar de seu transe com barulho dos sinos convidando os moradores para a missa. Embora esta estória possa conter um certo exagero, ela pode não ser

totalmente inverídica – devido ao excesso de estudos, noites insones e incapacidade de Smith em “se desligar” (RAE, 1895).

Em 1767, ele tinha a esperança de concluir seu novo livro em menos de três anos. Segundo Raphael (1985), em uma carta para Hume em fevereiro de 1770, Smith afirmava estar prestes a partir para Londres a fim de providenciar sua publicação. Porém, de acordo com Buchan (2008), fatores como “desânimo para escrever”, “demora na obtenção de informações adicionais de diferentes fontes antes de lhes dar um último arranjo”, “eventos empíricos que inspiraram a criação de novos capítulos” e “desvio de foco com o objetivo de ajudar amigos a se livrarem de problemas” fizeram com que Smith só fosse a Londres em Abril de 1773.

1.2.8 Londres (1773 – 1776)

Nos primeiros meses de abril de 1773, com o novo livro, em princípio, pronto, Smith se dirigiu a Londres com o objetivo de publicá-lo. Porém, em razão do acesso a novas fontes de informações e de eventos empíricos históricos, então em curso, como, por exemplo, o que na época ele denominou como “atuais distúrbios” nas colônias norte americanas, a revisão faria com que demorasse ainda mais três anos para que a RN viesse a público.

Nesta época, com cerca de cinquenta anos, a hipocondria de Smith estava bastante acentuada. Antes de viajar a Londres, por exemplo, presentindo que poderia morrer repentinamente, enviou uma carta a David Hume nomeando-o como seu executor literário e com instruções a respeito do rumo a serem dados aos seus escritos. Por tal missiva, à exceção do manuscrito da RN e daquilo que ele nominava como “um fragmento de um grande trabalho contendo a história dos sistemas astronômicos que sucessivamente estiveram em moda até a era de Descartes” (trabalho que no futuro seria publicado como “A história da Astronomia”), todos os demais textos deveriam ser destruídos (BUCHAN, 2008).

Segundo Rae (1895), grande parte da RN em sua versão definitiva deve ter sido escrita em Londres; capítulos inteiros do livro foram criados naquela cidade (como, por exemplo, a parte II, do capítulo VII do volume IV, que trata das causas da prosperidade das novas colônias inglesas na América), além da reformulação e até mesmo a completa inversão dos pontos de vista em outros.

“Dr. Franklin once told Dr. Logan that the celebrated Adam Smith when writing his *Wealth of Nations* was in the habit of bringing chapter after chapter as he composed it to himself, Dr. Price, and others of the literati; then patiently hear their observations and profit by their discussions and criticisms, sometimes submitting to write whole chapters anew, and even to reverse some of his propositions” (RAE, 1895, XVII, 4).

Mas, entre 1773 e 1776, a vida de Smith não ficou restrita apenas ao trabalho, ele também teve uma intensa atividade social. Frequentava o *British Coffee House*, na *Sufolk Street*, local muito popular entre os intelectuais escoceses que moravam em Londres. Em maio de 1773, Smith foi admitido como membro da *Royal Society* – Academia Britânica de Ciência -, e, em 1775, no seletto Clube Literário do Doutor Samuel Johnson²⁴ (BUCHAN, 2008).

Neste mesmo ano, o último em que morou em Londres, Smith, enfim, enviou a RN para impressão. Porém, a felicidade por ter completado uma obra que viria a ser considerada como um dos grandes clássicos do seu gênero foi eclipsada por um drama pessoal, a doença do amigo de toda a vida - David Hume.

1.2.9 O sucesso da Riqueza das Nações e a morte de Hume (1776)

O livro mais famoso de Smith veio a público em 9 de março de 1776, mas, embora tenha levado mais de 10 anos para ser escrito, com certeza, o projeto de escrevê-lo já era acalentado desde antes de 1759. No parágrafo final da TSM, Smith já afirmava que em outro discurso trataria de explicar os princípios gerais da Lei e do Governo.

A RN foi publicada em dois volumes e superou as expectativas de vendas dos seus editores, uma vez que a sua primeira edição esgotou-se em menos de seis meses. Isto acalmou os anseios de amigos, como David Hume e Lorde Kames, que temiam que um trabalho tão erudito, longo e complexo pudesse se tornar impopular. Mas, o sucesso do livro pode ser creditado a capacidade de Smith em apresentar um conjunto extremamente variado de

²⁴ Samuel Johnson, escritor e jornalista, fundou este clube em 1764. Entre seus membros, além de Adam Smith, estavam Sr. Dunning, (depois Lord Ashburton,), o Sr. Samuel Dyer, Sr. Garrick, Dr. Shipley bispo de St. Asaph, entre outros. Eles se reuniam na taverna *Turk's Head*, na *Gerrard Street*, no bairro de *Soho*, uma noite por semana, por volta das dezenove horas, e, em geral, sua conversação se estendia até a madrugada (BOSWELL, 2006).

assuntos complicados quase sempre em termos notavelmente simples e acompanhados de ilustrações vívidas (RAPHAEL, 1985).

Rae (1895) contesta o argumento de que a fama do livro tenha sido construída após Charles James Fox, líder do partido Whig [defensor da união Escócia/Inglaterra, do protestantismo e de uma monarquia parlamentar na Escócia sob a casa de Hannover], tê-lo utilizado como base para sua tese acerca da necessidade de, em períodos de paz, o Estado cortar o máximo possível de despesas correntes a fim de gerar uma substancial poupança pública. Pois, este fato veio a ocorrer apenas em 1783, quando já estava em eminência de ser lançada a terceira edição inglesa da RN. Nos dez anos seguintes foram publicadas duas edições do livro em francês (RAE, 1895).

De acordo com Buchan (2008), uma explicação para o sucesso imediato da nova obra de Smith repousa no fato de que até então, a análise das variantes influenciadoras no avanço e declínio econômico das nações e impérios era um tema que interessava estritamente aos moralistas e políticos. A RN tornava acessível ao entendimento do “homem comum” uma análise completa da sociedade, englobando, desde as artes e o comércio, até os sistemas educacionais. Sem deixar de fora o papel da Justiça e das finanças do Estado.

Mas, ao mesmo tempo, em que vivia um período de enorme sucesso profissional, em sua vida pessoal, Smith enfrentava um drama. Seu melhor amigo, David Hume, que sempre havia desfrutado de boa saúde, em 1775, passou a definhando rapidamente. Em poucos meses, devido a um câncer nos intestinos, emagreceria cerca de 30 quilos. A situação era tão séria, que o próprio Smith, em conversa com amigos comuns a ambos afirmava que o caso de Hume era um daqueles em que a saúde da pessoa, após certa época se debilita não de maneira gradual, mas aos saltos (RAE, 1895).

Em janeiro de 1776, Hume nomeou Smith como executor de seu testamento, deixando-lhe um legado de 200 Libras, que futuramente ele abriria mão em nome da família Hume. Em março daquele ano, mesmo bastante fraco, Hume leu a RN e elogiou-a por sua solidez, sutileza e inúmeras ilustrações explicativas. Durante todo o mês de julho - verão no hemisfério norte - Smith permaneceu lhe fazendo companhia. Hume, por sua vez, mesmo em sua fase terminal, confidenciava em tom jocoso aos demais amigos que Smith o ensinava a aproveitar o clima “por simpatia” – em uma alusão a um dos temas chaves da TSM (BUCHAN, 2008).

Hume faleceu em 25 de agosto de 1776. Entre janeiro e julho, ele tinha tentado demover Smith da recusa em participar da publicação daquele que ele pretendia que fosse o seu livro póstumo “Diálogos Sobre a Religião Natural” - obra em que Hume examina, de

maneira crítica, a religião com base nas sagradas escrituras. A relutância de Smith tinha origem, não tanto no temor em relação às consequências desagradáveis que o projeto poderia fazer recair sobre si, mas, principalmente, em uma genuína convicção de que o radicalismo teológico buscaria manchar a reputação de seu amigo (RAPHAEL, 1985).

Smith ficou tão impressionado com a coragem e bom humor de Hume diante da eminência da morte que, em uma carta a um amigo, escreveu que “Hume se entregava a seu destino com mais resignação genuína do que qualquer cristão lamentoso jamais morreu com falsa resignação à vontade de Deus” (BUCHAN, 2008, p. 120).

Smith resolveu adicionar a pequena autobiografia de Hume [escrita pouco tempo antes e que ele pediu que fosse publicada logo após sua morte] um breve relato acerca de seus últimos dias. Nele, Smith se referiu ao caráter de Hume como do tipo que mais se aproximava à ideia de caráter de um homem perfeitamente sábio e virtuoso, tanto quanto a natureza da fragilidade humana o permite (RAPHAEL, 1985).

Segundo Rae (1895), diante da homenagem de Smith, embora alguns clérigos que conheceram pessoalmente Hume endossassem, como merecidos os elogios, a ponto de transladar o texto para o Latim, para os cristãos convencionais em geral, o clima foi de revolta. James Boswell, antigo aluno de Smith em Glasgow, considerou um descaramento. Alguns outros, entenderam o que Smith havia feito como um ataque à Religião. Algo que merecia uma pronta e firme resposta.

Ainda de acordo com Rae (1895), o doutor George Horne, diretor do *Magdalen College*, em Oxford, em um panfleto anônimo, intitulado “Uma carta a Adam Smith, LL.D, sobre a Vida, Morte e Filosofia de David Hume”, argumenta que um homem com as conhecidas opiniões de Hume não poderia de ter qualquer possibilidade de ser considerado um homem bom e virtuoso, como Smith o havia representado. Pois, mesmo que fosse generoso, mesmo que tivesse boa índole, mesmo que fosse caridoso, ainda assim, era culpado de tentar apagar do coração dos homens a fé no cuidado paternal de Deus. E, de difundir na terra a maldade atroz do ateísmo. O Doutor Horne vai além, e acusa também Smith de semelhante maldade atroz:

“You would persuade us by the example of David Hume that atheism is the only cordial for low spirits and the proper antidote against the fear of death, but surely he who can reflect with complacency on friend thus employing his talents in this life, and thus amusing himself with Lucian, whist, and Charon at his death, can smile over Babylon in ruins, esteem the earth-quakes which destroyed Lisbon as agreeable occurrences, and congratulate the hardened Pharaoh on his overthrow in the Red Sea” (RAE, 1895, XIX. 21).

Smith, que nada mais tinha em mente do que simplesmente prestar uma última homenagem àquele que tinha sido o seu grande amigo e confidente por décadas ficou, não apenas genuinamente perplexo - a ponto de em uma conversa com um amigo confidenciar que uma única folha de papel, do seu ponto de vista inofensiva, trouxe-lhe muito mais injúrias do que todas aquelas sofridas por sua argumentação contra o sistema comercial até então vigente na Grã-Bretanha – como receoso acerca da possibilidade de obter uma vaga aberta em 1777 para comissário do Conselho Alfandegário em Edimburgo (BUCHAN, 2008).

A seguir se tornarão claros os motivos do porque seus receios se mostraram infundados, além de apresentada, resumidamente, a sequência de eventos que ocorreram nos últimos anos de sua vida.

1.2.10 Comissário do Conselho Alfandegário, a volta a Glasgow como Reitor e os últimos dias (1777 – 1790)

Smith nunca escreveu qualquer réplica aos ataques sofridos, sequer exigiu qualquer tipo de retratação. Aqueles que o acusaram de propagador do ateísmo não se deram ao trabalho de ler seus livros. Caso o tivessem feito, teriam concluído que ele, pelo contrário, poderia ser considerado um deísta, ainda que nutrisse ressalvas às facções religiosas. A decisão de Smith se mostrou correta, uma vez que em pouco tempo, as críticas esfriaram.

De acordo com Buchan (2008), ao final do ano de 1777, com a morte do senhor Archibald Menzies, ficou disponível uma vaga entre os cinco membros do Conselho Alfandegário da cidade de Edimburgo (órgão responsável por fiscalizar e tributar os produtos importados e por coibir o contrabando). A duquesa de Buccleuch, o senhor Alexander Wedderburn e Henry Dundas, então, membro do ministério como *Lord Advocate* da Escócia, escreveram ao Primeiro Ministro, Lorde North, em apoio à solicitação de Smith para ocupar a vaga. Porém, conforme o próprio Smith afirmou em uma das cartas a seu editor, a sua nomeação em muito se deveu ao senhor Grey Cooper, Secretário do Tesouro desde 1765, braço direito do Primeiro Ministro na preparação de orçamentos²⁵ (RAE, 1895).

²⁵ Na época, em que a RN foi lançada, o Secretário do Tesouro Inglês estava em busca de meios novos e convenientemente fáceis de aumentar a receita a fim de continuar a guerra norte-americana. O livro lhe trouxe muitas sugestões. Dele, por exemplo, Cooper retirou a ideia de tributar as propriedades vendidas em leilão, às casas inabitadas e o malte. Sob tais circunstâncias, é possível intuir que mais do que apenas atender aos pedidos dos amigos de Smith, sua nomeação foi um reconhecimento aos méritos de seu livro. Reconhecimento este, por parte de um governo cujas políticas para as suas colônias foram bastante criticadas por Smith (RAE, 1895).

Em seu novo cargo, Smith passou a receber um salário de 600 Libras por ano. Ele tentou devolver a pensão anual de 300 Libras a Henry. O Duque, porém, insistiu que ela tinha sido prometida incondicionalmente, e que consideraria uma ofensa à sua honra deixar de pagá-la. Deste modo, Smith passou seus últimos anos em Edimburgo como um homem relativamente rico (um juiz da mais alta corte escocesa recebia cerca de 700 Libras, e, um professor universitário, por mais prestigiado que fosse não recebia mais de 300 Libras por ano). Ele comprou uma bela casa – *Panmure House* -, num dos bairros mais nobres de Edimburgo (*Canongate*), e trouxe sua mãe e Janet, juntamente com o filho dela, David Douglas, para morarem com ele (RAPHAEL, 1985).

Smith, nesta época de sua vida, gostava de ter seus amigos sempre por perto sem a formalidade de um convite. Poucos foram os estrangeiros de distinção que visitaram Edimburgo naquele período que não ficaram hospedados em *Panmure House*. Além disso, eram famosos os jantares dominicais promovidos por Smith (RAE, 1895).

As grandes alegrias de Smith, neste período de sua vida, eram, por ordem, sua mãe, Janet e David, seus amigos e seus livros. Mas, foi nesta época também que seus devaneios de infância retornaram com força total. Por exemplo, muitos moradores de Edimburgo testemunharam suas peculiares caminhadas em que ele movia a cabeça delicadamente de um lado para outro e balançava o corpo como, se a cada passo, pretendesse mudar de direção, ou, até mesmo, dar meia volta. Durante todo o trajeto ele parecia rir e conversar animadamente com companheiros invisíveis. Felizmente, isto não atrapalhou o desempenho em suas funções como comissário. O trabalho de caráter rotineiro e simples - julgar a apelação de comerciantes contra a avaliação do coletor local de tributos e preparar relatórios anuais de receitas e despesas – jamais sofreu qualquer censura (RAE, 1895).

A vida de Smith seguiu sem grandes novidades até 1782, ano em que, juntamente com Joseph Black e James Hutton (que futuramente viriam a ser seus executores literários) criou o “*Oyster Club*”, que em princípio, deveria ser um clube gastronômico. As reuniões ocorriam todas as sextas-feiras a noite em uma taverna. Elas reuniam a nova geração de estudiosos de Edimburgo, entre eles o filósofo Dugald Stewart (pai do futuro biógrafo de Smith) e o Geólogo Sir James Hall. Na realidade, o clube era mais um clube de discussões literárias do que gastronômicas (BUCHAN, 2008).

Em 1783, segundo Rae (1895), Smith foi um dos fundadores da *Royal Society* de Edimburgo, uma sociedade estabelecida nos moldes das academias estrangeiras para o cultivo

de todos os ramos da ciência. Ela era dividida em dois ramos, um dedicado às Ciências Físicas e o outro dedicado à História e Letras. Smith foi um dos quatro presidentes deste ramo. O Duque de Buccleuch era o presidente geral da sociedade.

Em maio de 1784, Smith sofreu o seu maior revés na vida. A morte de sua mãe, Margaret. Em uma carta a um amigo, ele expôs a dor de sua perda:

“A morte de uma pessoa em seu nonagésimo ano de vida foi sem dúvida um evento muito agradável para o curso da natureza; portanto, eu deveria estar preparado para ele; contudo, devo lhe dizer aquilo que tenho dito a outras pessoas, que a separação final de uma pessoa que certamente me amou mais do que qualquer outra amou ou amará; e a quem certamente amei e respeitei mais do que jamais irei amar ou respeitar outra pessoa: não consigo deixar de sentir, mesmo nesta hora, um golpe muito pesado sobre mim” (BUCHAN, 2008, p. 128).

Conforme Rae (1895), após a perda de sua mãe, Smith, agora um sexagenário, entrou em quadro depressivo que o acompanharia até os seus últimos dias. Ele envelheceu muito nos dois anos posteriores a perda de Margaret e começou a sentir os primeiros sintomas da doença – obstrução intestinal - que iria pôr fim a sua vida em 1790.

Em 1787, ele foi a Londres, por dois motivos. Para um tratamento médico, e também para visitar alguns amigos ilustres como Henry Dundas, que na época era o principal responsável pelas nomeações na Escócia, o Primeiro Ministro William Pitt e o futuro primeiro ministro William Greenville. Smith recebeu muitas homenagens dos homens que estavam no comando da política inglesa na época. Mas, seus amigos ficaram chocados com o avanço da doença. “*While in his usual health he was, though not corpulent, yet rather stout than spare, but he was now reduced to skin and bone*” (RAE, 1895, XXIX. 1).

Logo após retornar a Escócia, Smith recebeu o convite pra ser reitor da Universidade de Glasgow, cargo que assumiu em dezembro daquele ano. Após uma reeleição foi empossado até novembro de 1789. Em seu período como reitor, Smith ainda arranhou tempo para escrever uma nova edição da TSM (incluindo uma nova seção intitulada “sobre o caráter da virtude”) e para cuidar de Janet Douglas, que a destarte de seus carinhos faleceu naquele período (BUCHAN, 2008).

Após deixar a reitoria da Universidade de Glasgow, Smith retornou para Edimburgo, cidade em que passaria seus últimos dias. Ele faleceu em 17 de julho de 1790. Em sua lápide, no cemitério de *Canongate* está escrito: “Aqui estão depositados os restos mortais de Adam Smith. Autor da Teoria dos Sentimentos Morais e Riqueza das Nações. Nascido em 5 de junho de 1723 e falecido em 17 de julho de 1790”.

Na sequência, será analisado o impacto da convivência pessoal de Smith com Hutcheson e Hume e de seus estudos sobre os autores gregos sobre sua teoria acerca da sociabilidade humana.

1.3 A leitura tradicional da obra de Smith

Há muito tempo, uma parcela significativa dos analistas do pensamento econômico, e particularmente, da obra de Smith, defende o argumento de que existiram dois “Adam Smiths”. Um, o que escreveu a TSM, e o outro, o que deu vida à RN. Para estes analistas, estes dois autores, não dialogam entre si²⁶. Este argumento foi desenvolvido pela primeira vez nas análises acerca da RN empreendidas por quatro representantes da chamada Escola Histórica Alemã - Bruno Hildebrand (1848) e Karl Knies (1853) e, posteriormente, Lujo Brentano (1877) e Witold Von Skarzynski (1878). Mas, em outros dois períodos, trabalhos, hoje considerados como clássicos em relação ao estudo do pensamento de Smith também defenderam argumentos parecidos. Um deles é o trabalho de Viner intitulado “*Adam Smith and Laissez Faire*”, publicado em 1927, em comemoração ao aniversário de 150 anos da publicação da RN. O outro período foi o da comemoração dos 200 anos da publicação da RN, época em que Louis Dumont publicou “*Homo aequalis. Génesis y apogeo de La ideologia económica*”. A seguir, resumidamente, cada um destes três períodos será analisado.

1.3.1 A visão da Escola Histórica Alemã acerca da obra de Adam Smith

Conforme Leonidas Montes (2003), tanto Hildebrand (1848) quanto Knies (1853) advogaram a tese de que Smith passou a ser o defensor de um exacerbado “materialismo egoísta” após ter passado uma temporada na França, na década de 1760. Ou seja, após ele ter publicado a TSM. Hildebrand não apenas criticou o que ele considerava como o “materialismo” da escola clássica (a qual deve sua origem a Smith), com sua ênfase sobre a

²⁶ Existe, por outro lado, uma série de interpretadores de Smith que defendem o ponto de vista de que sua obra é unificada. Neste trabalho, após serem apresentadas as bases filosóficas e morais nas quais Smith se apoiou para realizar sua análise social, e após serem analisados os principais conceitos presentes na TSM e na RN, serão defendidos os pontos de vista do porquê sua obra é ininterrupta.

natureza atomística dos seres humanos, mas também o fato do auto interesse e o egoísmo serem considerados os pilares centrais do sistema econômico para Smith²⁷.

De acordo com Rothschild (2013), o sistema de economia política de Smith para Hildebrand (1848) pecava em três pontos cruciais, uma vez que era um sistema, ao mesmo tempo, “cosmopolita”, “atomista” e “materialista”. *Cosmopolita* porque defendia uma “economia política universal” inspirada no universalismo abstrato da “escola de política” associada com Rousseau e Kant, mas com a diferença de que para Smith seria possível derivar a Economia enquanto ciência política através do somatório de observações e fatos, ao invés de princípios puramente filosóficos. *Atomista* porque Smith, assim como os pensadores iluministas que defendiam a tese da sociedade como reflexo “de um contrato social”, o individualismo era o fim último das relações sociais e em paralelo a tese do “racionalismo político”, em que o Estado nada mais deveria ser do que uma instituição garantidora da liberdade individual. Ainda segundo Hildebrand (1848), para Smith e seu sistema de “racionalismo econômico”, a Economia nada mais seria do que um sistema conjugado de economias individuais, cujo objetivo primordial seria o de satisfazer as necessidades e desejos particulares e que os laços comunitários entre os agentes teriam como base uma espécie de “contrato social”, originado pelos diversos “contratos individuais de troca”. *Materialista*, porque a doutrina defendida por Smith descrevia as pessoas como “forças puramente egoístas e antiéticas”, e que, deste “egoísmo privado”, dependia o avanço econômico dos diferentes países.

Sem se afastar muito da linha de argumentação, antes empreendida por Knies e Hildebrand, Brentano (1877), por sua vez, alegou que na época do lançamento da RN Smith já havia aderido completamente aos argumentos de Helvétius em relação à natureza humana²⁸.

Conforme Brentano (1877), Smith começou a escrever a RN imediatamente após seu regresso da França e após ter travado um conhecimento mais aprofundado com o livro de

²⁷Hildebrand (1848), assim como Dumont (1982) confundiu dois conceitos que Smith separa de forma clara em sua obra e que são completamente distintos: o “*self-love*” (ou amor de si) e o “*selfishness*” (que pode ser traduzido como egoísmo). A expressão “amor de si” pode ser compreendida com relação ao seu oposto “o amor aos outros”. Desde a Antiguidade, constitui um tema clássico que o *amor de si* é uma característica humana perfeitamente legítima e que, inclusive, pode ser considerado um dever moral. São Tomás de Aquino, por exemplo, ao escrever sobre o suicídio, afirmou que todo o ser humano tem como dever amar a si mesmo e fazer o possível para conservar sua existência, desde que, observe os preceitos cristãos. Para Smith, o “egoísmo” (*selfishness*) designa algo completamente diferente. É o amor de si quando passa a ser excessivo e desregrado. A grande diferença entre os dois conceitos se parece com a relação entre o “apetite” e a “gula”. O primeiro é uma inclinação natural, perfeitamente legítima e necessária para a manutenção da vida. O segundo, por outro lado é o resultado de quando o apetite se faz excessivo ou desregrado - e passa a ser considerado como um “vício” (VERGARA, 2001).

²⁸Para uma análise aprofundada da obra de Helvétius ver Maruyama (2005).

Helvétius “Do Espírito” (lançado em 1758) - o código do individualismo. O impacto desta influência sobre Smith teria causado uma revolução em seus pontos de vista fundamentais. Enquanto na TSM, as ações morais seriam apenas aquelas capazes de obter a aprovação do bem instruído espectador imparcial, na RN, pelo contrário, Smith teria se rendido inteiramente aos pontos de vistas sobre a natureza humana defendidos por Helvétius. Na RN, ele passaria a considerar o egoísmo como a única força motivacional por trás das ações humanas, e as consequências desse egoísmo dogmático, desde então, permeariam todas as suas análises.

Ou seja, após a sua temporada na França Smith teria abandonado a defesa de que a motivação das ações humanas estaria relacionada com a busca pela simpatia dos demais agentes sociais em troca do argumento de que a única força motivadora por trás das ações humanas seria o egoísmo (WILSON; DIXON, 2006).

Em 1878, de acordo com Leonidas Montes (2003), ao publicar o livro “Adam Smith como um filósofo moral e criador da Economia Política: uma contribuição para a História da Economia Política”, Skarzynski criticou Smith ao afirmar que, sequer a TSM, quanto menos a RN, seriam consequências do esforço de um pensador original. E, que ambas as obras nada mais eram do que reflexos de influências externas sobre Smith. Por tal ótica, a TSM seria reflexo do contato de seu ator com Hume, enquanto que a RN seria consequência do conhecimento que Smith havia adquirido com os fisiocratas, em sua temporada na França.

Segundo Skarzynski (1878, *apud* LEONIDAS MONTES, 2003), Smith, enquanto viveu na Inglaterra havia se convertido em um idealista sob a influência de Hutcheson e Hume. Após ter retornado da França, teria se convertido em um defensor do materialismo egoísta. Ou seja, para Skarzynski (1878) esta explicação comprovaria a existência de uma ruptura nos pontos de vistas fundamentais acerca da natureza humana por parte de Smith entre a TSM e a RN.

1.3.2 Adam Smith - de filósofo metafísico a economista realista: a visão de Jacob Viner

O segundo período de argumentações em defesa da ruptura na obra de Smith é marcado principalmente pelo artigo de Jacob Viner escrito em 1927, em que ele defende o ponto de vista de que existe uma divergência irreconciliável entre a TSM e a RN no que diz respeito ao caráter da ordem natural por trás das relações sociais.

Na TSM, conforme Viner (1927), existiria uma ordem beneficente na natureza que se tomasse seu próprio curso traria para a humanidade a máxima felicidade e prosperidade possível. Na RN, esta harmonia estaria representada como não se estendendo a todos os elementos pertencentes à ordem econômica - esta harmonia muitas vezes se apresentaria como parcial e imperfeita. Onde a harmonia prevalecesse, seria, como regra, uma espécie de harmonia média ou estatística, revelando-se apenas na massa geral dos fenômenos. O que daria margem para a possibilidade de que os processos naturais, cujo efeito geral seria benéfico, pudessem funcionar desvantajosamente em casos individuais, ou em particulares intervalos de tempo.

Ainda segundo Viner (1927), na TSM Smith havia sido um filósofo puramente especulativo, enquanto que na RN ele fez uso de uma rica coleta de dados obtidos por meio de suas observações, tanto do contexto inglês, quanto mundial da época. Suas fontes incluíam desde conversas informais com diferentes observadores perspicazes e relatos de viajantes, até a leitura de livros jurídicos. Conforme este mesmo autor, ao escrever a RN, Smith nunca se afastou por muito tempo de seu acervo de material factual, embora ainda continuasse a manter seu talento para recorrer a generalizações retumbantes e de alcance épico. *“But Smith's strength lay in other directions than exactly logical thinking, and he displayed a fine tolerance for a generous measure of inconsistency”*²⁹ (VINER, 1927, p.216).

Porém, Viner (1927) “reconhece” que quando existiu um forte conflito entre a sua generalização e seus dados, Smith, em geral, deixou a generalização de lado. Assim, na visão de Viner, Smith ao escrever a RN rompe com o pensamento metafísico utilizado na TSM e adota uma visão de mundo mais realista. E, a RN pode ser vista como um tratado sobre a sua época, em que Smith desfere um ataque específico sobre determinados tipos de atividades desempenhadas pelo Governo (proibições de comércio, leis de sucessão que impediam o livre comércio de terras, leis de aprendizagem, monopólios legais), atividades estas que, com base em dados empíricos, prejudicavam a prosperidade nacional.

Em uma crítica a Viner, Ganem (1999) afirma que para ele, Smith, entre um livro e outro, teria se transformado de um jovem e imaturo filósofo/teólogo em um maduro economista/realista. Como será visto a seguir, Louis Dumont não só amplia esta visão de ruptura na obra de Smith, como vai muito além disso.

²⁹ “Mas a força de Smith não estava no pensar exatamente lógico, e ele demonstrou [em seus escritos] muita tolerância a uma considerável dose de inconsistência”.

1.3.3 Louis Dumont: Smith como o pai da Ciência Econômica dissociada da Ética

Em 1976, com o aniversário de 200 anos da RN, muitos textos relacionados à obra de Smith vieram à luz. Em defesa da ruptura em sua obra, conforme Cerqueira (2004), um dos autores que se tornou referência foi Louis Dumont e sua defesa da tese de que a gênese da Economia enquanto ciência necessitava de pelo menos dois fatos precedentes. Em primeiro lugar, seria preciso mostrar que dentro das relações sociais existiria uma “esfera econômica” e que esta esfera econômica coerentemente tinha como base princípios ou leis que diferiam daqueles que serviam de base à existência do Estado. Estes princípios deveriam ser formulados racionalmente e através deles deveria ser delimitado um novo campo de conhecimento – a Economia Política – não vinculado nem à Política, nem à Moral.

Neste novo campo do conhecimento o sujeito em análise poderia ser considerado como emancipado das coerções morais. *“É como se Deus [lhe] dissesse: “meu filho, não tenha medo de, aparentemente, infringir os meus mandamentos,... neste caso em particular se justifica que deixes de lado a Moral”* (DUMONT, 1982, p. 84).

Conforme Cerqueira (2004), Dumont ao analisar a emancipação da Economia Política (originada como desdobramento analítico do contexto social, reflexo do capitalismo ora nascente) enquanto ciência, interpreta esta emancipação como estando fortemente vinculada a uma ruptura na obra de Smith - que deixa de ser o filósofo moral preocupado em analisar a esfera geral dos sentimentos morais dos indivíduos baseada na simpatia. E, passa a concentrar seu foco investigativo na esfera econômica das sociedades capitalistas que estavam germinando, cujo funcionamento estaria apoiado apenas no egoísmo dos agentes nelas inseridos.

Dumont (1982) vai ainda mais longe e atribui a Smith a tese de que os agentes econômicos, seguindo apenas os seus próprios interesses – e emancipando-se de qualquer consideração moral – não apenas geram uma sociedade viável, capaz de sobreviver, mas que também é, por sua vez, “harmônica”.

Em concordância com estas análises em relação à obra de Smith, Arrow e Hahn escrevem:

“Existe uma longa e bastante imponente linha de economistas desde Adam Smith até o presente momento que procurou mostrar que uma economia descentralizada formada por indivíduos motivados unicamente pelo auto interesse seria compatível com uma disposição coerente dos recursos econômicos e que tal visão é superior ao

grande número de possíveis alternativas teóricas existentes” (ARROW; HAHN, 1971, p. 6-7).

A leitura canônica da obra de Smith - que defende o argumento de que ele na RN abandonou seus questionamentos morais da TSM - criou e disseminou uma visão do autor que o faz receber críticas bastante fortes por pontos de vistas que não estão presentes em seus escritos. Como é possível perceber através dos dois exemplos abaixo:

“a felicidade é então concebida por Smith a partir da acumulação de bens materiais. Ademais, Smith tem influências claras do hedonismo, segundo o qual se deve buscar a maximização do prazer com o mínimo de esforço” (OLIVEIRA, 2008, p.3).

“nos cursos de Economia, na Argentina e em uma vasta quantidade de países, tanto nas universidades privadas como nas públicas, continua-se ensinando desde o primeiro dia até o último que Adam Smith não só é o pai da Economia, mas que, além disso, estava certo quanto a sua hipótese acerca do individualismo. Os economistas, não só nos cursos de graduação, mas também nos de pós-graduação, tanto na Argentina como no exterior, não recebem informação nenhuma sobre o fato de que a base fundamental da Economia é uma hipótese demonstrada como incorreta [matematicamente por Nash]. Além de carecer de qualquer informação nesse sentido, são transmitidas enormes doses de teorias e modelos econômicos, os quais não só entronizam a premissa básica do *individualismo smithsoniano*, como também tentam universalizar para todo o período do tempo e do espaço os desenvolvimentos econômicos clássicos e neoclássicos iniciados pelo próprio Smith” (GRAZIANO, 2005, p. 16-17).

Na sequência, ao serem analisadas tanto as bases morais de Smith, quanto os principais conceitos presentes na TSM e na RN, será feita a defesa de que não existe ruptura no seu modo de ver os agentes sociais entre suas duas obras. Smith jamais abandonou a tese de que a análise econômica de uma sociedade deve ser acompanhada do estudo de seus padrões éticos e morais. E, principalmente, que a visão tradicional acerca de Smith não condiz com a realidade de seus pontos de vista defendidos em seus livros. A maior parte do que ele escreveu foi deixada à margem pelos tradicionais “divulgadores” de sua obra.

Infelizmente, conforme Evensky (1993), este tem se tornado o tratamento padrão dado as obras dos grandes economistas do passado, que não são lidos na plenitude de suas visões, sendo apenas citados através de pedaços canonizados de suas obras. Os escritos reais desses grandes nomes, os quais recebem a denominação de "clássicos", acabam sendo citados por muitos, e lidos por poucos. O custo deste tipo de abordagem acabou sendo (e continua sendo), por exemplo, para muitas gerações de economistas, a perda de grande parte do rico legado analítico deixado por eles.

1.4 As bases morais e filosóficas do pensamento de Smith

Na TSM, Smith (1999) afirma que o princípio do *self-love* (ou amor de si, como ele o define) já estava presente na obra dos antigos escritores estoicos como Zenão, por exemplo, que afirmava que “todo animal seria por natureza recomendado aos seus próprios cuidados” (SMITH, 1999, p. 342).

Para os estoicos, tudo aquilo que possibilitasse ao indivíduo conservar não apenas a sua existência, mas também todas as suas faculdades para se manter na melhor condição de existência possível, naturalmente, seria uma escolha adequada. Assim, itens como riqueza, poder, estima e comodidades externas seriam naturalmente indicados como desejáveis, ao passo que, pobreza, falta de autoridade e incômodos externos, naturalmente, eram vistos como escolhas inadequadas para os agentes sociais (SMITH, 1999).

Mas, desta busca por conservar a própria existência, não significava uma defesa intransigente, por parte dos estoicos, do egoísmo como modo de vida. Segundo Smith (1999), os estoicos defendiam também, o ponto de vista de que cada pessoa seria apenas uma dentre a multidão, e sempre que a prosperidade individual fosse capaz de gerar adversidades para a sociedade, seu beneficiário deveria se abster de seu interesse imediato – ponto de vista com o qual Smith concorda.

Mas, ao mesmo tempo em que defendiam o argumento de que cada ser humano estaria primeiramente e principalmente interessado por si mesmo, para os estoicos, segundo Smith (1999), os seres humanos deveriam ter confiança na benevolência do ser supremo, criador do universo e assim *se resignar completamente* ao julgamento advindo deste em relação a sua existência. Ou seja, para os estoicos, boa parte das questões cotidianas da vida humana deveria ser considerada como indiferente pelos indivíduos.

“Para os estoicos, a vida humana, com todas as suas vantagens que possivelmente a acompanham, deveria ser considerada apenas como uma mera aposta de dois centavos – questão insignificante demais para merecer qualquer preocupação” (SMITH, 1999, p.348).

Conforme os estoicos, a conduta individual sábia, justa, firme e temperante seria o caminho mais *provável* para se alcançar a felicidade, embora esta conduta nem sempre pudesse garantir àqueles que a seguissem salvo conduto frente os infortúnios que, às vezes, incidem sobre o ser humano. E que, por vezes, até mesmo fosse esta conduta a responsável

por expor seus seguidores ao escárnio da sociedade. Mas, mesmo em tais casos, a natureza não deixaria sem consolo àquele que adotasse tais máximas como regras de vida, pois:

“... o homem virtuoso poderia ainda usufruir a perfeita aprovação de seu próprio peito, e poderia ainda sentir que por mais desfavoráveis que fossem as coisas de fora, dentro tudo era calmo, pacífico e harmonioso. Além disso, comumente poderia confortar-se com a certeza de possuir o amor e a estima de todo **espectador** inteligente e **imparcial**, que não poderia de deixar quer de admirar sua conduta, quer de lamentar seu infortúnio” (SMITH, 1999, p. 353, grifo nosso).

Na visão dos estoicos, na trajetória dos eventos traçados pela divindade, esta destinava a cada criatura “*um pequeno departamento*” sobre o qual ela tinha pouco poder de direção e administração. Assim, ao indivíduo, nada mais restaria, senão se conduzir de acordo com as ordens que entendia lhes terem sido prescritas pela divindade, sem nenhum interesse passional, quer pelo sucesso, quer pelo fracasso de seus esforços (SMITH, 1999).

Smith, ao formular a TSM, utilizou e aprimorou alguns aspectos já presentes nas análises estoicas a respeito da natureza humana. Como, por exemplo, a importância da escolha individual pelos itens que tendem a propiciar uma melhor condição de vida (incluída entre estes, a riqueza como fonte geradora de comodidades externas) - que ele utilizou como base para seu próprio argumento em defesa do *self-love* – e do espectador imparcial como o julgador último e principal da conduta humana. Mas, ele também criticou a apatia e desinteresse estoico em relação ao êxito ou fracasso dos esforços humanos (SMITH, 1999).

Smith se contrapõe à abordagem estoica e afirma que os eventos que afetam aquilo que eles chamavam “de pequeno departamento em que nós enquanto indivíduos possuímos algum grau de direção e administração”, ou seja, aqueles eventos que estão ligados tanto a nós mesmos quanto as pessoas que nos são próximas, são os eventos que mais interesse nos despertam (SMITH, 1999).

Outro autor que teve grande influência sobre a formação intelectual de Smith foi Francis Hutcheson. Segundo Quintana (2001), o antigo professor de Filosofia Moral de Smith tinha uma visão das pessoas como seres sociais, mas, que ao mesmo tempo, eram naturalmente dotados de um senso moral. Este senso moral, internalizado no ser humano funcionaria em consonância com os outros cinco sentidos externos, sendo além da fonte por trás do desejo humano por convívio social, o sentido que permite aos seres humanos sentirem prazer diante daquilo que *convencionalmente* os demais indivíduos consideram como sendo belo.

Muitos intérpretes da obra de Hutcheson, como Cannan (1996) e Taylor (1965) têm apontado as muitas semelhanças entre seu trabalho e o de Smith. Conforme estes intérpretes, a filosofia moral hutchesoniana influenciou significativamente não apenas a abordagem moral das relações sociais empreendida por Smith na TSM, mas também a sua análise econômica da sociedade em que estava inserido quando da realização da RN.

Para Pesciarelli (1999), por exemplo, o conceito de “homem bom”, utilizado por Hutcheson, e que teria como sinônimos, “homem de prudência” ou “pessoas sobriamente virtuosas”, influenciou o conceito de “homem prudente” cunhado por Smith na TSM. Além disso, Hutcheson em seu livro “*A System of Moral Philosophy*” (1755) tinha como objetivo deixar claro que a motivação por trás das ações humanas podia ser dividida em duas classes. Uma estaria relacionada à busca individual pelo que é bom para si mesmo, ou pelo menos para repelir aquilo que lhe é prejudicial (egoísmo). A outra estaria relacionada com a busca desinteressada por parte dos indivíduos pela melhoria das condições de vida dos demais agentes sociais, ou então, para evitar que as demais pessoas fossem prejudicadas (benevolência).

Pela ótica de Hutcheson (1755), nenhum homem, em sã consciência é capaz de negar que as pessoas internamente possuem um real desejo de observar o bem-estar de seus semelhantes. Esta visão de Hutcheson acerca da natureza humana mostra inegável semelhança com a seguinte passagem da TSM:

“Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte de outros, e considerar a felicidade deles como necessária para si mesmo, embora nada extraia disso, senão o prazer de assistir a ela” (SMITH, 1999, p.5).

De acordo com Pesciarelli (1999), Smith se insurgiu contra a demasiada importância dada por Hutcheson à benevolência quando em comparação ao valor dado por ele ao *self-love*, enquanto motivação por trás de muitas das ações empreendidas pelos agentes sociais. Na análise realizada por Hutcheson, a respeito do *self-love*, ele se deteve especialmente na sua relação com as *satisfações* que as pessoas obtêm através da cooperação mútua. Sua ênfase se deteve especialmente no papel benéfico da divisão do trabalho. Smith, depois, estenderia sua análise para além daquela realizada por Hutcheson, abordando também os efeitos adversos da divisão do trabalho sobre os trabalhadores.

A análise da prudência realizada por Smith também teve inspiração em seu antigo professor. Hutcheson (1755) afirma que a “*calma busca*” pela obtenção de bens privados,

embora não seja aprovada como virtude, no entanto, está longe de ser condenada como vício. E, nenhuma das paixões e apetites egoístas, por si mesmas, pode ser condenada como algo ruim. Porém, para Pesciarelli (1999), esta não condenação claramente não é o mesmo que aprovação moral.

Em concordância a esta visão de Hutcheson, Heilbroner (1982) afirma que para Smith o conceito de vício é dependente de como a ação em análise é julgada pelo espectador imparcial. Ou seja, por esta lógica, o *self-love* e a ambição não são considerados inerentemente como vícios. Apenas podem ser considerados como tal, ao ultrapassarem o nível de tolerância estipulado pelo “homem dentro do peito”.

Tanto para Hutcheson quanto para Smith, o contexto real em que é utilizado o conceito do espectador tem como base a aprovação das outras pessoas. Isto é, a questão da aprovação das ações individuais pelos demais agentes constitui a pedra angular em relação à noção de sociabilidade (PESCIARELLI, 1999).

Os pontos de vistas de Hutcheson acerca de questões econômicas também tiveram um significativo impacto na análise realizada por Smith na RN. Por exemplo, para Dooley (2003), Hutcheson iniciou sua análise econômica tomando como base a investigação de um estado de natureza que precede a criação da sociedade civil. Neste estado de natureza, indivíduos rudes vivem em cavernas e se vestem com peles de animais. Com o passar do tempo e conforme as pessoas passam a desejar mais e mais coisas diferentes, o desejo em melhorar *suas condições de vida* os conduz à divisão do trabalho. Esta divisão do trabalho, por sua vez produz um excedente de bens nas mãos de cada produtor.

Para Hutcheson (1755), a origem tanto da propriedade privada quanto da acumulação de riqueza tem relação direta com a divisão do trabalho a partir do fato de que cada trabalhador, ao separadamente produzir um excedente de seu próprio trabalho, excedente este que, se por um lado, se transforma em acumulação de riqueza [ou de capital, como tradicionalmente passou a ser chamado], por outro pode ser considerado como propriedade privada. Caso não tivesse direito ao seu próprio excedente, nenhum trabalhador iria especializar-se a ponto de gerar estes excedentes (DOOLEY, 2003).

Dado o fato dos excedentes estarem separados, “naturalmente”, surgiram as trocas entre as pessoas, trocas estas que levaram à invenção do dinheiro. Ou seja, na visão de Hutcheson, e posteriormente na de Smith, o estabelecimento da sociedade civil está interligado com o desenvolvimento da divisão do trabalho e com as relações construídas pela interação social entre os seres humanos (DOOLEY, 2003).

Tanto para Hutcheson, quanto para Smith, uma pessoa sozinha dificilmente poderia sobreviver em um estado de natureza; mesmo que fosse extremamente forte e totalmente instruída em todos os diferentes ofícios, indubitavelmente seria incapaz de prover para si mesma todas as necessidades elementares à sobrevivência. Além disso, mesmo que por ventura se radicasse no melhor solo ou clima, ainda assim, não teria a capacidade de adquirir as conveniências que comumente estão acessíveis àquelas pessoas que convivem como um grupo (DOOLEY, 2003).

“Numa sociedade civilizada, o homem a todo momento necessita da ajuda e cooperação de grandes multidões, e sua vida inteira mal seria suficiente para conquistar a amizade de algumas pessoas. No caso de quase todas as outras raças de animais, cada indivíduo, ao atingir a maturidade, é totalmente independente e, em seu estado natural, não tem necessidade da ajuda de nenhuma outra criatura vivente. O homem, entretanto, tem necessidade quase constante da ajuda dos semelhantes, e é inútil esperar esta ajuda simplesmente da benevolência alheia. Ele terá maior probabilidade de obter o que quer, se conseguir interessar a seu favor a autoestima dos outros, mostrando-lhes que é vantajoso para eles fazer-lhe ou dar-lhe aquilo de que ele precisa. É isto o que faz toda pessoa que propõe *um negócio* a outra” (SMITH, 2003, p. 19).

Segundo Dooley (2003), ao analisar as vantagens da divisão do trabalho, Hutcheson, assim como Smith faria depois na RN, cita três razões que não diferem significativamente entre os dois autores. Em primeiro lugar, que o produto do trabalho de um determinado número de pessoas para o fornecimento das necessidades básicas ou conveniências da vida seria muito maior através da atribuição a cada uma de um único tipo de trabalho, no qual ela em breve adquiriria mais habilidade e destreza, do que se cada uma fosse obrigada a empregar-se em todos os diferentes tipos de trabalho necessários para a sua subsistência. Em segundo lugar, a melhoria na destreza tenderia a manter o trabalhador na mesma tarefa e não o levaria a ter que mudar de função. Em terceiro lugar, para Hutcheson, tanto a experiência quanto as invenções seriam transmitidas entre os trabalhadores, o que tenderia a expandir o conhecimento.

Conforme Hutcheson (1755), com o avanço da divisão do trabalho existia a necessidade de um meio de troca dos excedentes individuais dos diferentes produtores. Caso contrário, o produto em abundância de cada trabalhador se perderia. Mas, adicionalmente, as trocas requeriam também a existência de Instituições como a propriedade privada e contratos. Ou seja, para Hutcheson as Instituições da sociedade civil surgem naturalmente no rastro deixado pelo desenvolvimento da divisão do trabalho.

Dooley (2003) utiliza as palavras abaixo, escritas por Smith, para fazer uma crítica a Cannan (1996), que argumentava que Smith se inspirou em Mandeville ao escrever a famosa passagem do açougueiro contida na RN³⁰:

“O homem tem necessidade quase constante da ajuda dos semelhantes, e é inútil esperar esta ajuda simplesmente da benevolência alheia. Ele terá maior probabilidade de obter o que quer se conseguir interessar a seu favor a autoestima dos outros, mostrando-lhes que é vantajoso para eles fazer-lhe ou dar-lhe aquilo de que ele precisa” (SMITH, 2003, p.19).

Na realidade, a passagem do açougueiro de Smith segue a linha argumentativa de Hutcheson (não de Mandeville) de que a benevolência por si só não seria uma motivação forte o suficiente para as pessoas suportarem o trabalho e a labuta diária, e que o *self-love*, tanto quanto a benevolência, são necessários para o bem-estar geral. Embora, Smith discordasse do grau de veemência com que Hutcheson defendia a benevolência enquanto característica intrínseca à humanidade, ele de certa maneira, não discordava de sua visão de que o *self-love* poderia fazer com que os apetites e paixões humanas se tornassem os principais perigos para o interesse público, caso o senso moral fosse incapaz de moderá-los (HUTCHESON, 1755).

A análise de Smith sobre a sociedade de sua época recebeu muita influência da abordagem antes empreendida por Hutcheson – um filósofo moral. Embora, poucos “seguidores” do “sistema de livre comércio” de Smith saibam disto. Mas, além de Hutcheson, Smith também se inspirou na obra de outro filósofo moral. O seu amigo de toda a vida, David Hume. Esta inspiração teve efeito principalmente em sua abordagem da simpatia.

Segundo Ganem (2002), embora Hume tenha sido colega de Smith, aquele contribuiu com diversos pontos cruciais para a abordagem deste, seja em relação à análise de questões morais, seja em relação à análise de questões econômicas. Por exemplo, Smith (1999) buscou em Hume além do conceito de simpatia, a análise da sociabilidade com base no desejo de ganho comum a todos os homens. Os escritos de Hume também inspiraram Smith em seus estudos acerca do juízo e da aprovação das ações dos indivíduos com base na necessidade de se levar em conta nas análises as relações subjetivas por trás das relações sociais. Para Ganem:

“A universalidade da paixão humana expressa no desejo de ganho ou numa vontade de melhorar a sua própria condição, que Adam Smith herda de Hume garante a possibilidade do nascimento da economia, posto que fornece os micro fundamentos de uma ordem, articulando interesse privado ao interesse coletivo. Nada apriorístico,

³⁰ “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse” (SMITH, 2003, p. 19).

axiomático, hipotético, com ideias inatas ou regras fixas de moralidade e de comportamento. Uma verdade ligada à historicidade, uma verdade não mais no plano puramente lógico, mas estabelecida a partir do vínculo ético. Como para o autor não há um sentido moral inato, torna-se impossível definir regras invariáveis para as regras sociais, essas nascidas, portanto, das experiências privadas. Para deixar claro que a convivência entre os homens é a fonte definidora da moralidade, Adam Smith recorre a um princípio de nossa natureza que nos leva a entrar na situação dos outros e a compartilhar suas paixões. Ele o chamará, como Hume, de simpatia” (GANEM, 2002, p. 108).

Conforme Sugden (2002), para compreender Smith se faz necessário tornar mais clara a confusão que existe entre os conceitos de simpatia, na visão de Hume e na visão de Smith. Hume, e depois dele Smith, afirmava que as leis morais não podem ser deduzidas puramente pela razão, a partir das eternas e imutáveis relações das coisas. O fato de o julgamento moral ser imediatista indica que ele é baseado em sensações, em um sentimento de aprovação e não sobre a *subsunção* racional de um ato sob uma regra geral.

Na maioria dos casos, o julgamento moral é irrefletido e espontâneo e se refere a certos atos em particular. A grande questão que, então, se apresentava para Hume, e cuja solução dada por ele posteriormente serviu de ponto de partida para a análise realizada por Smith, estava ligada à possibilidade de, com base na premissa do julgamento de atos particulares, explicar a universalidade e a obrigação da lei moral. Uma vez que todo sentimento é individual, como pode o sentimento dar origem a uma resposta objetiva, frente a questões envolvendo julgamentos morais? Esta era a grande questão para Hume: encontrar no sentimento uma base suficientemente objetiva para o julgamento moral (MORROW, 1923).

Segundo Morrow (1923), Hume procurou esta base objetiva para o julgamento moral em algo que fosse comum a todos os indivíduos, ou seja, em um "princípio universal da estrutura humana". Propôs o princípio da simpatia, que nada mais seria do que o compartilhar sensações e sentimentos de pessoa para pessoa. Assim, quando Hume se referia ao conceito de simpatia como a principal fonte a ser levada em conta nos julgamentos morais, ele não estava se referindo a piedade ou compaixão (sentido este dado por Hutcheson ao conceito de simpatia) e sim ao compartilhar sentimentos como o fato que torna possível a objetividade do julgamento moral.

Por exemplo, em sua busca pela explicação do amor pela fama, Hume (2001) encontra uma de suas causas nas opiniões das outras pessoas, cuja influência sobre os demais agentes sociais se deve a propensão que os seres humanos têm de simpatizar uns com os outros e de adotarem através daquilo que Hume chama de “*comunicação*” suas inclinações e sentimentos.

Por esta visão, o compartilhar de sentimentos entre os homens a partir do princípio da simpatia, conseqüentemente, tornaria mais fácil a comunicação de julgamentos de um ser

pensante para outro, o que faria com que as mentes dos homens acabassem se tornando uma espécie de espelho umas para as outras (MORROW, 1923).

Conforme Ganem (2002), esta ideia humaniana de que “os espíritos dos homens são espelhos uns para os outros”, o que por sua vez reflete o fato de que o homem não vive isolado, estando constantemente em frente a um espelho acabou por ter grande influência no modo como Smith analisou o homem enquanto animal social.

“Suponhamos que somos espectadores de nosso próprio comportamento e tratamos de imaginar que efeito isto produz em nós. Este é o único espelho mediante o qual podemos, em alguma medida, controlar com os olhos dos demais a correção de nossa conduta” (Smith, 1999, p. 230).

Para Anspach (1972), tanto Smith quanto Hume pertenciam a um círculo de filósofos chamados Sentimentalistas, que defendiam o argumento de que a marca distintiva do homem não era a razão e sim as sensações ou sentimentos, que nada mais eram do que frutos da inter-relação entre os indivíduos em sociedade. Na visão de Hume (2001), o homem seria, por natureza, um ser social e a sociedade deveria suas origens tanto aos instintos quanto aos sentimentos muito mais do que ao racional auto interesse, conforme argumentado por Hobbes em sua teoria do contrato social. Por este ponto de vista, tanto para Hume, quanto para Smith, o processo social teria se iniciado instintivamente, desenvolvido - se através dos sentimentos e emoções, e, só bem mais tarde, passou a ser racionalmente direcionado. Ou seja, tanto para Hume (2001), quanto para Smith (1999), o julgamento moral é situacional - aquilo que julgamos como sendo o correto sempre é sensível ao contexto no qual se dá a análise.

Conforme Morrow (1923), Hume se utiliza da sua doutrina da simpatia para explicar a sociabilidade como um reflexo do conjunto de hábitos e costumes observáveis dentro dos diferentes grupos sociais. Na visão de Hume (2001), dado o fato da mente humana ser de uma natureza bastante imitativa, isto torna impossível a qualquer conjunto de homens que interagem entre si cotidianamente não adquirir a similaridade de hábitos e costumes e não compartilhar, uns com os outros, tanto seus vícios quanto virtudes.

Deste modo, a propensão a sociabilidade, que é inerente aos seres humanos, pela argumentação de Hume (2001) é o que faz com que as pessoas “entrem”, por assim dizer, umas nos sentimentos das outras. Isto, é o que serve de fator causal, via contágio gerado por laços que se formam ao longo do tempo entre os indivíduos, para a similaridade de inclinações e paixões.

Outro aspecto importante da obra de Hume (2001) e que teve uma influência importante na obra de Smith, é o reconhecimento de que a união política dos indivíduos circunscrita a uma dada localidade é apenas um dos muitos grupos sociais ao qual cada pessoa pertence. Cada um dos diferentes grupos no qual o sujeito está inserido, como raça, nação, comunidade, profissão e assim por diante, tem um conjunto de maneiras peculiares próprias que surgem como consequência do princípio da simpatia.

A concepção de uma unidade social enquanto unidade orgânica, com individualidade própria, torna-se facilmente realizável através do princípio da simpatia conforme estipulado por Hume (2001), princípio este que não deve ser confundido com o mero impulso benevolente que pode ser tomado pelos indivíduos. Ou seja, a simpatia para Hume, assim como para Smith não é o objeto de aprovação e sim a base da aprovação moral. Porém, embora tenha sido bastante influenciado por Hume, Smith, como será visto na análise do conceito de simpatia em sua obra, aperfeiçoou e foi bastante além do princípio elaborado por seu amigo.

1.5 Síntese do capítulo

Neste capítulo, o ponto de vista defendido é o de que a leitura tradicional da obra de Smith o retrata como um autor sem qualquer traço de originalidade em seus pontos de vistas [Skarzynski (1878)], facilmente influenciável a mudar suas convicções, a ponto de entre um livro e outro deixar de lado toda uma sólida formação filosófica e moral para construir um sistema econômico sustentado unicamente pelo materialismo egoísta [Hildebrand (1848), Knies (1853), Brentano (1877)]. E, que enquanto a TSM foi escrita por um jovem filósofo puramente especulativo, a RN, foi obra de um maduro economista [Viner (1927)], cujas análises são sustentadas por um vasto conjunto de dados empíricos. Além disso, a leitura canônica de Smith o retrata como o defensor o ponto de vista de que, unicamente no campo das atividades econômicas, as pessoas motivadas apenas pelo seu egoísmo e emancipando-se de qualquer consideração moral e ética, proporcionam uma sociedade não apenas economicamente viável, mas também harmônica [Dumont (1982)]. O grande problema é que ainda hoje, Smith continua sendo descrito nos livros de História com base nesta visão.

Nesta dissertação, o ponto de vista defendido é que, foi com base na sua formação intelectual e moral apresentada, que Smith construiu seu sistema econômico. Nas máximas

construídas pelos autores estoicos, como Zenão e Sêneca, por exemplo, Smith se inspirou para formular a defesa do “*self-love*” como o principal fator das motivações econômicas. Porém, na TSM, Smith explica em por menores a diferença entre “*self-love*” (ou amor de si) e “*selfishness*” (palavra inglesa que pode ser traduzida como egoísmo), o que parece que foi “esquecido” por muitos de seus analistas. Através das aulas do “jamais esquecido” professor Hutcheson, um filósofo moral e de sua defesa do argumento de que o desenvolvimento da sociedade civil está intrinsecamente relacionado com o aprimoramento da divisão do trabalho, Smith desenvolveu e aprimorou a vontade de entender os processos que geram a riqueza social e não somente após ter tido contato com os fisiocratas franceses. Nesta busca por compreender os processos sociais, Smith seguiu e avançou a linha de argumentação, antes elaborada por seu antigo mestre, de que a benevolência por si só não seria uma motivação forte o suficiente para que as pessoas se dedicassem ao trabalho e que o “*self-love*” poderia ser um sentimento benéfico à sociedade, desde que não ultrapassasse os limites considerados como “normais” pela coletividade.

No ponto de vista humeniano, outro filósofo moral, de que os homens são espelhos uns para os outros, e de sua explicação da sociabilidade como consequência do conjunto de hábitos e costumes observáveis dentro dos diferentes grupos sociais, Smith se inspirou para fundamentar o seu modo de ver a aprovação das condutas individuais com base no julgamento do espectador imparcial e na simpatia. Ou seja, embora autores como Viner e Dumont insistam em argumentar que na RN Smith deixou de ser um filósofo moral para se tornar um economista, parece bastante claro que tanto em um livro como no outro, seus principais autores de referência foram aqueles relacionados com uma abordagem antes filosófica e moral do que puramente econômica.

2 A SIMPATIA E O ESPECTADOR IMPARCIAL COMO RESULTADOS DOS HÁBITOS E COSTUMES SOCIAIS

2.1 Introdução

Este capítulo apresenta os conceitos presentes na TSM com o objetivo principal de compreender a importância dos hábitos e costumes sociais na construção do conceito de “homem prudente”, criado por Smith, e sua relação com o princípio que origina a aprovação social às ações e condutas humanas. Os objetivos específicos do capítulo são: a análise do conceito de simpatia na obra de Smith; e o estudo do motivo pelo qual, para Smith, as pessoas se dedicam ao auto aperfeiçoamento individual em busca daquilo que valorizam como “melhorar sua condição de vida”.

O principal questionamento neste capítulo é: Para Smith, a maioria dos seres humanos, em sua busca por riqueza, pode ser caracterizada como o calculista “*homo economicus*” da Economia Neoclássica?

O argumento defendido é o de que isto não corresponde à realidade, uma vez que, em sua maioria, as pessoas, em sociedade, estão mais inclinadas ao conceito hutchesoniano de “homem bom”. A real motivação por trás das ações econômicas deve ser buscada em um princípio que esteja além da esfera puramente econômica. E, que com a abordagem moral de certos temas presentes na TSM, Smith prepara o caminho para a análise econômica da sociedade em que estava inserido ao escrever a RN.

Este capítulo, além desta introdução e de uma conclusão, divide-se em mais quatro seções. Na primeira seção é apresentada a análise de Smith sobre o que fundamenta e origina as regras gerais e aos princípios de aprovação ou desaprovação das ações e condutas em sociedade. Na sequência, é analisado o conceito smithiano do espectador imparcial e a importância do grupo social enquanto espelho a refletir nossa conduta. A terceira seção trata, resumidamente, do impacto dos hábitos e costumes coletivos como fenômeno influenciador e inibidor das ações e condutas individuais. Por fim, é apresentada a visão de Smith a respeito da real utilidade da riqueza.

2.2 A Simpatia

Conforme Smith (1999) uma das questões mais importantes a serem analisadas por aqueles que buscam entender o modo como os homens se relacionam entre si é aquela que leva em conta o modo como se fundamenta o princípio da aprovação dentro de uma sociedade. Por isso, ele se pergunta do porquê de certos caracteres serem considerados como agradáveis enquanto outros não? Do por que certos tipos de condutas serem consideradas como objeto de recompensa ao passo em que outras são consideradas como objetos de censura?

Na TSM, Smith (1999) analisa três diferentes explicações acerca do princípio de aprovação [relacionado com o fato de as pessoas aprovarem ou não tanto as suas próprias ações quanto as dos outros agentes sociais]. Uma das explicações estaria ligada à tendência das ações tornarem a vida daquele que estava julgando a ação mais aprazível ou mais miserável, ou seja, o princípio da aprovação estaria ligado unicamente ao egoísmo; a segunda explicação residiria na faculdade do intelecto (Razão) enquanto fator chave que possibilitaria aos seres humanos distinguir tanto os afetos quanto as ações que poderiam ser consideradas como adequadas ou inadequadas; e, por último, a explicação para o princípio da aprovação estaria fundamentada na satisfação ou aversão que a visão de certas ações ou afetos tenderiam a inspirar nos demais seres humanos - o sentimento. Ainda conforme Smith (1999), os defensores da explicação do princípio de aprovação com base no egoísmo, dentre eles Hobbes³¹, Puffendorf³² e Mandeville³³, defendiam o ponto de vista de que a sociabilidade

³¹ Thomas Hobbes (1588-1679) foi um filósofo, teórico político e matemático inglês que defendeu a tese de que os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), e que se socializam apenas motivados pelo mais puro egoísmo: “não procuramos companhia naturalmente e só por si mesma, mas para dela recebermos alguma honra ou proveito; estes nós desejamos primariamente, aquela só secundariamente” (HOBBS, 2002, p.26). Conforme este autor, na natureza do homem podem ser encontradas três causas principais de discórdia. Primeiro, a *competição* que tende a levar os homens a atacar uns aos outros tendo em vista o lucro e a vontade de se tornar senhor dos demais indivíduos, das mulheres, filhos e rebanhos de seus inimigos; segundo, a *desconfiança*, o que faz com que em nome da segurança de suas mulheres, filhos e rebanhos os homens recorram à violência; e terceiro, a *glória*, elemento que faz com que em nome de sua “reputação” os homens agridam uns aos outros frente a qualquer provocação - uma palavra zombeteira, um sorriso de desdém, uma diferença de opinião, ou qualquer outro sinal de desprezo, quer seja diretamente dirigido a sua pessoa, quer indiretamente a seus parentes, amigos, nação, profissão ou “honra” (HOBBS, 1979). Por esta óptica, apenas a existência de um poder em comum capaz de submeter igualmente a todos os homens [poder este, que para Hobbes, seria o Estado civil] é capaz de evitar aquela condição natural a todos os homens que ele chama de “guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens” (HOBBS, 1979, p. 46).

³² Conforme Sahd (2008), Samuel Pufendorf (1632-1694) foi um jurista alemão que ao analisar o caráter humano, embora tenha se inspirado em Hobbes e sua perspectiva de que os homens no estado de natureza agridem uns aos outros, discordava deste e defendia a tese de que os seres humanos por não serem autossustentáveis, são por natureza frágeis. Apenas esta natureza frágil é o que os impedia de, no estado de

entre os seres humanos tinha como origem unicamente a busca individual pela promoção de interesses privados. Ou seja, deste ponto de vista, o interesse que as pessoas nutrem pelo bem-estar da sociedade e em consequência a estima que dedicam as ações consideradas virtuosas nada mais seria do que o resultado apenas do amor exacerbado que nutrem por si mesmas. Smith (1999) rebate tal argumentação com o exemplo de que autores como Mandeville não conseguem explicar o fato de que mesmo atualmente, as pessoas abominam a infâmia de certos personagens da História (como Nero e Hitler) e aplaudem a virtude de outros (Gandhi, por exemplo), mesmo que seus sentimentos não possam ser influenciados pela noção de que ao aplaudirem ou censurarem tais tipos de condutas poderiam obter algum tipo de benefício ou prejuízo (SMITH, 1999).

Em relação à doutrina que defende a Razão como a origem por trás do princípio da aprovação, para Smith (1999), até certo ponto é válido o argumento de que a virtude tem uma ligação intrínseca com a Razão, uma vez que é por meio do intelecto que as pessoas descobrem as regras gerais de justiça, regras estas que servem para regular as ações e condutas humanas. Além disso, as máximas gerais de moralidade, para Smith (1999), seriam resultado de uma confluência entre a experiência e a indução através da observação dentre uma grande variedade de casos particulares aqueles que habitualmente agradam ou desagradam as suas faculdades morais e a indução é operacionalizada pelo intermédio do intelecto.

Com base no parágrafo acima, de acordo com Smith (1999), se não fosse pela Razão, os julgamentos morais realizados pelas pessoas seriam por demais incertos, dependendo “inteiramente” dos sentimentos e emoções, que por sua vez, dados os diversos estados tanto de saúde quanto de humor pelos quais passam os indivíduos não deixam de ser muito volúveis. O princípio da aprovação ou desaprovação de uma ação como virtuosa ou não, para ele, possui uma certa conformidade com a análise racional. Mas, isto não significa que Smith concorde com a argumentação que defende o pressuposto de que as primeiras percepções de certo e errado possam ter sua origem no intelecto (SMITH, 1999).

natureza, pelo menos abertamente, agredirem-se mutuamente, dada a mútua dependência em relação as diferentes habilidades necessárias para a sobrevivência e conforto da espécie que estavam dispersas entre os indivíduos. Pufendorf, mesmo não sendo tão cáustico quanto Hobbes, não defende uma visão idílica do ser humano, para ele, os homens, em sua maioria, são animais extremamente egoístas e maliciosos, que embora se socializem por conta de sua fragilidade individual, jamais deixam de suspeitar e desconfiar uns dos outros, e possuem uma tendência natural ao egocentrismo e narcisismo (SAHD, 2008).

³³ Bernard de Mandeville (1670-1733) médico, filósofo e economista político, embora em sua época este termo ainda não existisse, advogava a tese de que a base da sociabilidade humana e a verdadeira origem de todas as artes e ciências criadas pelo homem nada mais seriam do que a busca pela satisfação dos vícios individuais originados pelo egoísmo sem limites de cada ser humano (FRITSH, 1996).

Ainda segundo Smith (1999), toda e qualquer experiência sobre as quais se fundamentam as regras gerais e o princípio da aprovação são, antes objetos originados de sentidos e sentimentos imediatos, do que da Razão. Para ele, a “*sympatia*” – entendida como um conceito que surge a partir da análise de fenômenos empíricos, isto é do modo como as pessoas, com suas *experiências* (primeiro aspecto fundamental da visão do homem construída por Smith) na vida em sociedade incorporam sentidos de moralidade - é suficiente para explicar o princípio da aprovação.

De acordo com Wilson e Dixon (2006), embora Smith concorde com Hume, de que a *sympatia* é o fundamento por trás dos juízos morais, a sua visão de “*sympatia*” é diferente. Enquanto para Hume, o “*simpatizar*” está relacionado ao fato de uma pessoa reconhecer o benefício (prejuízo) - a "dor ou prazer", a "perspectiva de perda ou ganho” – que ela pode vir a obter ao ser destinatária de uma ação alheia, para Smith, o “*simpatizar*” se relaciona, literalmente, com o “compartilhar de sentimentos” [*fellow-feelings*] entre indivíduos socializados.

Mas, para Wilson e Dixon (2006), uma vez que, itens como benefícios (prejuízos), utilidade ou vantagens (desvantagens) derivados a partir de atos e condutas não são sentimentos, pela ótica de Smith, estes itens não podem ser compartilhados entre as pessoas. Então, o que Hume define como *sympatia*, não é, absolutamente, *sympatia*. A *sympatia*, no sentido dado por Smith (1999), é mais complexa, envolve uma espécie de “conexão orgânica” entre as pessoas. Nesta visão, embora o espectador seja capaz de reconhecer que o receptor foi beneficiado (ou não), ele não consegue “*simpatizar*” com seus benefícios (prejuízos). O que ele *simpatiza* é com o sentimento de gratidão (ressentimento) que o destinatário sente ao receber estes benefícios (prejuízos).

“I can recognise your benefit, but I cannot sympathise with it. For Smith, however, I can and do sympathise with your gratitude, with how you feel about the benefit. Otherwise expressed: for Smith there is an organic connection between myself and how you feel (about a certain form of conduct that affects you). But your feeling (or rather how I suppose that you feel) and myself can only be organically connected if your feeling is somehow inside of myself” (WILSON; DIXON, 2006, p. 267).

No modelo de homem adotado por Smith, as pessoas ao se imaginarem umas no lugar das outras acabam por experimentar um conjunto de sensações e por meio destas sensações formulam seus julgamentos acerca das paixões que deram origem as ações adotadas ou sofridas pela pessoa em “*julgamento*”. Este imaginar-se no lugar do outro, para Smith (1999),

é um sentimento que não está limitado apenas às pessoas abnegadas, está presente, em certos momentos, até mesmo entre criminosos.

“A partir da experiência, o sujeito smithiano pratica o segundo grande aspecto presente na TSM que é o *exercício da imaginação*. Só a partir da experiência podemos formar alguma ideia do que se passa na mente do outro, podemos nos colocar no lugar do outro. Só por meio da imaginação nos é possível conceber quais são as suas verdadeiras sensações. Imaginar-se no lugar do outro, vivenciar uma situação sentindo uma situação análoga ou colocando-se no lugar do outro é o ponto de partida da análise que Smith faz do indivíduo” (GANEM, 2002, p.108).

De acordo com Coase (1976), a simpatia, pela ótica dada por Smith ao termo, é uma via de mão dupla, pois, a prática de nos colocar no lugar do outro, ao mesmo tempo em que nos torna não imunes ao que lhe ocorre, e nos faz imaginar como ele se sente, também tem como consequência, que nós imaginemos como ele se sente em relação a nós.

Smith (1999) chama a atenção para a questão de que, devido ao fato de não ser possível às pessoas terem a experiência imediata do que as demais sentem, elas apenas concebem uma ideia do quão afetadas as outras são em suas alegrias e infortúnios quando imaginam como elas mesmas se sentiriam na mesma situação. Ou seja, apenas reproduzimos as impressões de nossos próprios sentidos, nunca as alheias (SMITH, 1999).

Para Quintana (2001), o conceito de simpatia, conforme utilizado por Smith funciona como um princípio natural, responsável pela sociabilidade entre os indivíduos. Este princípio provoca uma espécie de compartilhar de sentimentos [*fellow-feelings*] entre o observador de uma ação – espectador – e o agente imediatamente ligado a esta ação, seja de modo ativo, seja de modo passivo. Assim, a simpatia, para Smith, está ligada a solidariedade para com os sentimentos das outras pessoas.

“[Mas,] essas circunstâncias que produzem tristeza ou dor não são as únicas que provocam nossa solidariedade. Seja qual for a paixão que proceda de um objeto qualquer na pessoa diretamente atingida, uma emoção análoga brota no peito de todo espectador atento ao pensar na situação das outras [pessoas]” (SMITH, 1999, p.7).

O conceito de simpatia na obra de Smith vai muito além da definição tradicionalmente dada ao termo³⁴, não denotando apenas a solidariedade de uma pessoa pelo sofrimento alheio, e sim solidariedade em relação a qualquer paixão. Enquanto em muitas situações a simpatia se

³⁴ Segundo Figueiredo (2010), simpatia – do latim *sympathia* - tanto pode ser uma “relação fisiológica entre dois órgãos, mais ou menos afastados”, uma “tendência instintiva para uma pessoa ou para uma coisa”, quanto uma “inclinação mútua de duas pessoas ou entre duas coisas”.

estabelece instantaneamente de modo irrefletido, de pessoa para pessoa pela simples observação por parte de uma do semblante da outra, como por exemplo, a tristeza estampada no rosto de um estranho que nos afeta sem que saibamos o motivo de seu lamento. Em outras, nossa simpatia é despertada apenas após uma análise arrazoada dos fatores geradores da paixão que se desenrola ante nossa visão e do grau da resposta a ela dada (SMITH, 1999).

“Existem algumas [paixões] cujas expressões não provocam nenhum tipo de simpatia, mas antes de nos inteirarmos do que as ocasionou, servem mais para nos provocar aversão e incitar contra elas. O comportamento furioso de um homem irado provavelmente tende a nos exasperar mais contra ele do que contra seus inimigos. Como não estamos a par dos motivos que o provocaram, não podemos fazer nosso o seu caso, nem conceber nada parecido com as paixões que esses motivos excitam. Mas vemos claramente qual a situação daqueles com os quais está irado, e a que violência eles podem estar expostos. Por isso, prontamente simpatizamos com o medo ou ressentimento deles” (SMITH, 1999, p.8).

Segundo Reis (2010), Smith compartilha com Hume a noção de que tanto os sentimentos quanto as ideias podem se converter em impressões do tipo reflexivas – não sensoriais – desde que, em sua origem, estes sentimentos e ideias, sejam dotados de algum grau razoável de vivacidade, suscitada via forte impressão sensorial.

“Cada um admitirá prontamente que há uma diferença considerável entre as percepções do espírito, quando uma pessoa sente a dor do calor excessivo ou o prazer do calor moderado, e quando depois recorda em sua memória esta sensação ou a antecipa por meio de sua imaginação. Estas faculdades podem imitar ou copiar as percepções dos sentidos, porém nunca podem alcançar integralmente a força e a vivacidade da sensação original. O máximo que podemos dizer delas, mesmo quando atuam com seu maior vigor, é que representam seu objeto de um modo tão vivo que quase podemos dizer que o vemos ou que o sentimos. Mas, a menos que o espírito esteja perturbado por doença ou loucura, nunca chegam a tal grau de vivacidade que não seja possível discernir as percepções dos objetos. Todas as cores da poesia, apesar de esplêndidas, nunca podem pintar os objetos naturais de tal modo que se tome a descrição pela paisagem real. O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada. Podemos observar uma distinção semelhante em todas as outras percepções do espírito. Um homem à mercê dum ataque de cólera é estimulado de maneira muito diferente da de um outro que apenas pensa nessa emoção. Se vós me dizeis que certa pessoa está amando, compreendo facilmente o que quereis dizer-me e formo uma concepção precisa de sua situação, porém nunca posso confundir esta ideia com as desordens e as agitações reais da paixão. Quando refletimos sobre nossas sensações e impressões passadas, nosso pensamento é um *reflexo* fiel e copia seus objetos com veracidade, porém as cores que emprega são fracas e embaçadas em comparação com aquelas que revestiam nossas percepções originais. Não é necessário possuir discernimento sutil nem predisposição metafísica para assinalar a diferença que há entre elas. Podemos, por conseguinte, dividir todas as percepções do espírito em duas classes ou espécies, que se distinguem por seus diferentes graus de força e de vivacidade. As menos fortes e menos vivas são geralmente denominadas pensamentos ou ideias. A outra espécie não possui um nome em nosso idioma e na maioria dos outros, porque, suponho, somente com fins filosóficos era necessário compreendê-las sob um termo ou nomenclatura geral. Deixe-nos, portanto, usar um pouco de liberdade e denominá-las impressões, empregando esta palavra num sentido de algum modo diferente do usual. Pelo termo

impressão entendo, pois, todas as nossas percepções mais vivas, quando ouvimos, vemos, sentimos, amamos, odiamos, desejamos ou queremos. E as impressões diferenciam-se das ideias, que são as percepções menos vivas, das quais temos consciência, quando refletimos sobre quaisquer das sensações ou dos movimentos acima mencionados” (HUME, 2006, p. 19).

Ao tomar por base o exposto anteriormente, é possível intuir que, conforme Hume (2006), enquanto a pessoa diretamente envolvida em uma ação experimenta uma impressão sensorial, o espectador desta ação, por sua vez, com base em suas próprias experiências, compartilha apenas de uma impressão reflexiva³⁵. Esta impressão reflexiva é uma característica chave do indivíduo sociabilizado, que tanto intrigou Smith.

Para Ganem (2002), o sujeito smithiano está constantemente frente a um jogo de espelhos. Porém, este jogo de espelhos nada mais é do que o reflexo do exercício da simpatia enquanto mediadora dos relacionamentos sociais. As pessoas, desde a mais tenra idade cumulativamente observam o comportamento e as reações a certos tipos de ação e sentimentos considerados como meritórios ou não pelos diferentes grupos sociais nos quais estão inseridas. Elas assimilam tal padrão de julgamento. Isto faz com que o exercício de captar os sentimentos de outras pessoas possibilite aos agentes sociais tanto a apreender os padrões morais como aplicá-los (SANTOS; BIANCHI, 2007).

Em relação a esta apreensão dos padrões morais por parte dos indivíduos e sua aplicação para o julgamento das ações tanto próprias quanto das outras pessoas, Smith apresenta o conceito do espectador imparcial. Este espectador, “o homem dentro do peito, o grande juiz e árbitro das condutas, o semideus dentro do peito” (SMITH, 2003, p. 166) é o modelo balizador das condutas humanas adequadas ao convívio social. Na sequência, analisar-se-á a importância deste conceito e sua relação com hábitos e costumes e o auto interesse.

2.3 O espectador imparcial

Na análise das relações sociais empreendida por Smith, os agentes sociais necessitam que suas ações e comportamentos sejam “aprovados” não apenas pelos seus pares, mas também pelo julgamento do espectador imparcial, o qual pode ser considerado como a

³⁵ Para uma análise detalhada da diferença entre impressão sensorial e reflexiva e seu impacto na filosofia de David Hume e Adam Smith ver Reis (2010).

essência por trás da consciência individual, consciência esta que se forma como um produto social (VIVENZA, 2001).

Na leitura da TSM é possível notar que Smith correlaciona a aprovação ou desaprovação com que julgamos, tanto a nossa conduta quanto as das outras pessoas, com a necessidade de se “distanciar” destas condutas e ações em análise. Uma vez que, o juízo de conveniência [adequação, decoro, legitimidade – *propriety*] ou inconveniência está relacionado com o fato de uma ação ser conveniente ou inconveniente, adequada ou inadequada, conforme a causa que inspirou o agente a realizá-la. A forma primária de tal juízo seria aquela realizada pelo espectador de uma ação ou conduta alheia ao imaginar, a si próprio no lugar do agente, e comparar o sentimento motivacional da ação com o sentimento que ele mesmo teria caso estivesse na mesma situação. Se, na situação imaginada, tomasse a mesma atitude que o sujeito em julgamento, ele compartilha de seu sentimento – aprova a ação (RAPHAEL, 2007).

Mas, enquanto é mais fácil se distanciar para analisar as ações e condutas das outras pessoas, o mesmo não ocorre quando as ações e condutas em julgamentos são as do próprio sujeito. Da mesma forma que, ao se colocar um objeto muito perto dos olhos, ele parece distorcido, ao se analisar a própria conduta, naturalmente se obtém uma perspectiva distorcida, uma vez que estando muito perto, a tendência é o sujeito olhar para si mesmo com certa condescendência (PAGANELLI, 2010).

“Jamais podemos inspecionar nossos próprios sentimentos e motivos, jamais podemos formar juízo algum sobre eles, a não ser abandonando, por assim dizer, nossa posição natural e procurando vê-los como se estivessem a certa distância de nós” (SMITH, 1999, p.139).

A maneira de evitar incorrer nesta tendenciosidade pode ser via inspeção das próprias ações e condutas tomando como base não só o modo como provavelmente as outras pessoas as veriam, mas indo além, e as examinando conforme se imagina que um espectador incorruptível as julgaria. Sendo assim, o padrão ideal de moralidade só pode ser encontrado no julgamento proferido pelo espectador imparcial³⁶, que representa, de forma idealizada, a

³⁶Na sua forma inicial, este conceito estava relacionado com o teatro. O termo foi criado por Joseph Addison em seu jornal “O espectador” para descrever o relacionamento entre um “público” esclarecido e o espetáculo que se lhes era apresentado no palco. As paixões seriam representadas através de gestos padronizados dos participantes do “jogo” [*players*]. Os espectadores imparciais teriam a capacidade de distinguir dentre os atos aqueles considerados como originários da realidade em contraposição aqueles considerados como falsos ou fantasiosos (TRIBE, 1999).

correspondência de sentimentos que é consequência da interação social. Ou seja, o espectador imparcial representa o espelho da aprovação ou desaprovação moral (SUGDEN, 2002).

“O espectador imparcial forma seus juízos a partir dos reflexos de sua imagem no conjunto de espelhos em que se mira. A experiência e a observação em sociedade ensinam cada um a julgar com razoável neutralidade o conteúdo moral de diversas situações de sua vida, com um grau tolerável de proximidade do que seria o juízo do espectador imparcial” (SANTOS; BIANCHI, 2007, p.639).

Conforme Quintana (2001), no sistema moral defendido por Smith, enquanto a simpatia possui uma relação inequívoca com o compartilhar de emoções entre os agentes sociais, funcionando como a força de atração das emoções, o espectador imparcial funciona como o elemento controlador desta força. Da interação entre estes dois elementos, simpatia e espectador imparcial, abre-se a possibilidade da sociabilidade e da existência de atitudes virtuosas entre os indivíduos. Para Cerqueira (2004), da sua relação com o espectador imparcial, cada agente social deriva a virtude mínima a partir da qual a vida em sociedade se torna possível.

Mas, o que motiva as pessoas em busca desta “virtude”? Para Smith (1999), esta busca pelo caráter virtuoso, assim como todas as demais paixões humanas, está ligada ao desejo individual por reconhecimento e aprovação. Porém, esta aprovação repousa tranquila apenas quando não restam dúvidas de que o julgamento não sofreria mudanças mesmo quando analisado por qualquer observador indiferente a seu resultado.

“Portanto, parecerá merecedor de recompensa quem, para alguma pessoa ou pessoas, é objeto natural de uma gratidão que todo o coração humano esteja disposto experimentar, e, por essa razão, a aplaudir” (SMITH, 1999, p.85).

Ao analisar o desejo humano por reconhecimento e aprovação, Smith (1999) até certo ponto concorda com a visão estoica de que todo homem é, por natureza, primeiro e principalmente recomendado aos seus próprios cuidados, e interessa-se mais profundamente no que diz respeito imediatamente a si mesmo e a seus amigos e familiares. Mas, mesmo expressando textualmente que as pessoas ao tomarem conhecimento da tragédia que se abate sobre um desconhecido perdem muito menos do seu sono quando em comparação com qualquer pequeno infortúnio do qual elas mesmas são as vítimas, ele deixa claro, porém, que arruinar um desconhecido com o objetivo de se prevenir frente a qualquer infortúnio, ou até mesmo frente a sua própria ruína, é algo com o qual nenhum espectador imparcial pode concordar.

Ou seja, cada pessoa, em seu cotidiano, mesmo sem se dar conta, recorre ao julgamento do espectador imparcial ao analisar suas próprias condutas e ações. E, através disto, consegue identificar, embora não de maneira perfeita, o grau de conveniência ou inconveniência de seus atos e até que ponto é merecedora de admiração ou repúdio do habitante dentro do próprio peito. Caso suas condutas e ações sejam aprovadas por este espectador imparcial, esta pessoa, por simpatia, aprova a si mesma (QUINTANA, 2001).

Na análise das relações sociais empreendida por Smith (1999), este aprovar a si mesmo, é muito importante; é um reconhecimento muito mais profundo do que apenas a aprovação originária dos espectadores externos ao indivíduo. Enquanto por um lado o mais sincero dos louvores pode provocar ao seu receptor – que tem ciência de não ser verdadeiramente merecedor de tal honraria – pouco prazer genuíno. Por outro ...

“Não basta, em absoluto, que de um modo ou de outro nos concedam, por ignorância, ou engano, estima e admiração. Se estamos conscientes de não merecermos que façam de nós uma ideia tão favorável, e de que se a verdade viesse a lume seríamos vistos com sentimentos bastante diversos, nem de longe nossa satisfação é completa. O homem que nos aplaude por ações que não realizamos, não aplaude a nós, mas a outra pessoa. Não podemos extrair nenhuma satisfação de seus louvores. Para nós seriam mais mortificantes do que qualquer censura, e perpetuamente nos trariam a lembrança da mais humilhante das reflexões: o que deveríamos ser, mas não somos. Alegrar-se com um aplauso tão infundado é prova da mais superficial levandade e fraqueza” (SMITH, 1999, p.144).

Para Boff (2012), o espectador imparcial se forma como reflexo de experiências empíricas, ao invés de ser um elemento puramente imaginário – transcendental. Ele possui uma origem social e a coletividade é o "espelho" através do qual as pessoas aprendem quais as ações e condutas são consideradas virtuosas e quais não são. Ou seja, as virtudes não se originam do nada, elas são aprendidas através do convívio social.

“Para saber si aprobar o no nuestras acciones, debemos ser espectadores de nuestro próprio comportamento e imaginarnos qué efecto produciría em nosotros desde esta perspectiva Smith está postulando, como vemos, um espectador imparcial, que juzga no si tal conducta es aceptada, sino es acceptable. Esta idea, que el hombre es para otro un espejo (y no um lobo), es otra de las numerosas deudas de Smith para com Hume” (CASTRO, 2004).

Em relação a esta questão, Smith (1999) toma como exemplo o caso hipotético de que se fosse possível a um ser humano crescer solitariamente, este não teria condições, sequer motivos, para pensar na conveniência ou demérito de seus próprios sentimentos e conduta, uma vez que ele careceria de um modelo em que se espelhar. Mas, caso fosse trazido para o convívio social, o espelho que antes não tinha acesso lhe seria fornecido.

“É colocado ante o semblante e comportamento daqueles com quem vive – que sempre registram quando compartilham ou desaprovam seus sentimentos -, é aí que pela primeira vez verá a conveniência ou inconveniência de suas próprias paixões, a beleza ou deformidade de seu espírito” (SMITH, 1999, p.140).

Mas, o que origina este espelho social que serve de referência ao comportamento dos indivíduos? Em grande medida a origem está nos hábitos e costumes enraizados em uma sociedade ao longo do tempo.

2.4 A importância dos hábitos e costumes e sua relação com o homem prudente de Smith

Na TSM, Smith afirma que embora poucas pessoas concordem que seus julgamentos acerca de beleza ou virtude sofram grande influência dos hábitos e preconceitos originados das tradições de sua classe social ou grupos nos quais estão inseridos, e acredite que as regras que seguem se fundamentam na razão, não é difícil provar-lhes o contrário³⁷.

A influência dos hábitos e costumes é significativa, de acordo com Smith (1999), até mesmo em relação aos julgamentos que envolvem sentimentos morais. Ele afirma que, por exemplo, pessoas educadas desde a mais tenra infância em um ambiente onde se cultivava de maneira contumaz a justiça, a modéstia e a afetividade tendem a cultivar estas virtudes, contrariamente aquelas que tiveram a infeliz sorte de serem criadas em meio à violência, falsidade e devassidão. Estas tendem a não ter nem mesmo a noção de quão ignóbil e inconveniente se apresenta seu caráter e conduta aos olhos de pessoas não acostumadas ao seu modo desregrado de vida (SMITH, 1999).

O ato de simpatizar, pela ótica smithiana, está intimamente ligado às regras gerais de conduta que regulam a vida em sociedade, regras estas, em grande medida, vistas como resultados dos inúmeros julgamentos morais realizados pelos membros de um grupo social – aprovação e desaprovação de atos e condutas – que ao longo do tempo vão consolidando hábitos e rotinas comportamentais considerados como adequados. Estes hábitos e rotinas

³⁷ Smith utiliza como exemplo o costume de algumas tribos selvagens da América do Norte de apertar tiras de pano ao redor da cabeça de suas crianças a fim de torná-las quadradas - prática considerada pelos europeus como consequência de seu atraso intelectual – em contraponto ao costume de muitas damas europeias, que até poucos anos antes da publicação da TSM, apertarem suas formas corporais, naturalmente arredondadas, a fim de obterem formas quadradas. Mesmo após serem documentados inúmeros casos de doenças originadas por tal costume (SMITH, 1999).

passam então a ser considerados como regras balizadoras das condutas *esperadas* de cada agente individual pelo conjunto de agentes inseridos no grupo social (BOFF, 2012).

Porém, uma vez que cada ser humano possui um conhecimento profundo apenas de seus próprios sentimentos, a capacidade humana de compreender seus semelhantes depende, significativamente, da capacidade de deduzir como o outro irá se sentir, e/ou, reconstruir os sentimentos vivenciados pela outra pessoa (SMITH, 1999). Como visto anteriormente, a imaginação é a base sobre a qual se constrói o ato de simpatizar e a imaginação, inegavelmente, está ligada à experiência, hábitos e costumes aprendidos pelas pessoas ao longo de sua existência. É através deste “*aprendizado*”, que o ser humano constrói a capacidade de se colocar no lugar do outro, imaginando como ele se sentiria em seu lugar – e esta capacidade tem grande influência sobre o ato de obedecer às regras gerais de conduta como forma de se evitar a censura social (WENSTEIN, 2006).

“Em cada época e país do mundo, os homens necessariamente atentaram para o caráter, o desígnio e a ação uns dos outros, sendo então necessário estabelecer e aprovar, por consenso comum, inúmeras e respeitáveis regras e máximas de caráter. Tão logo surgiu a escrita, os sábios, ou os que se imaginavam sábios naturalmente se empenharam em aumentar o número dessas máximas estabelecidas e respeitadas, e em exprimir o que eles mesmos entendiam por conduta apropriada ou inconveniente” (SMITH, 2003, p. 973).

“O respeito às regras gerais de conduta é o que se chama propriamente de senso do dever, princípio da maior importância na vida humana, e o único pelo qual a maioria da humanidade é capaz de ordenar suas ações. Há muitos homens que se portam com bastante decência e evitam, ao longo de suas vidas, agirem de modo censurável, mas que talvez nunca tenham experimentado o sentimento sobre cuja conveniência fundamentamos nossa aprovação de sua conduta, agindo apenas por consideração ao que julgavam ser as regras de comportamento já estabelecidas” (SMITH, 1999, p. 195).

Com base no exposto acima, é possível intuir que para Smith, por serem as pessoas agentes sociais, elas não conseguem ignorar o julgamento formado pelas demais acerca de sua conduta e se esforçam para serem *aprovadas*. Para isso, naturalmente adéquam seus hábitos e comportamentos. Disto, surge o conceito de homem prudente elaborado por Smith na TSM, que será analisado no próximo capítulo.

2.5 O auto interesse e a utilidade da riqueza para Smith

Ao analisar a relação entre o caráter do indivíduo e a sua relação com a felicidade, Smith (1999) afirma que na medida em que as pessoas crescem, elas tomam ciência da

importância e aprendem a garantir os meios adequados para satisfazer as suas necessidades naturais relacionadas à fome e a sede, e para evitar se expor ao calor e frio em demasia através de algum certo cuidado e previsão. Do grau com que realizam este cuidado e previsão depende o grau de sua “fortuna externa”.

Embora esta “fortuna externa” tenha como fim último prover os meios necessários para a satisfação de necessidades básicas do ser humano, este logo aprende que o respeito e admiração dos outros indivíduos, e em boa medida a sua posição hierárquica dentro do ambiente social em que está inserido dependerá do grau em que possua ou pareça possuir as vantagens que se originam desta “fortuna externa” (SMITH, 1999). Com base nesta constatação, Smith passa a investigar o verdadeiro sentimento que conduz a emulação que, em maior ou menor grau está presente no coração de todos os homens. Emulação relacionada com o fato de que:

“O homem de honra e distinção é notado por todos. Todos anseiam por contemplá-lo, e conceber, por simpatia, a alegria e exultação que suas condições naturalmente inspiram. Suas ações são objeto de atenção pública. Dificilmente lhe escapa um gesto ou uma palavra que passe despercebido. Numa grande reunião, é a pessoa para a qual todos dirigem seus olhares. É isso que, não obstante a consequente perda de liberdade, confere grandeza ao objeto de inveja, e compensa na opinião dos homens todas as fainas, todas as ansiedades, todas essas mortificações a que deve se submeter quem busca a atenção geral. Essa aquisição o faz perder o direito a todo o ócio e toda a tranquilidade” (SMITH, 1999, p.61).

Existem, conforme Smith (1999), dois caminhos diferentes, mas igualmente capazes de proporcionar aos indivíduos esta tão desejada aclamação social. O primeiro caminho está relacionado com a incessante busca pela sabedoria e prática da virtude moral, o outro com a grande riqueza financeira e a fama. Enquanto o sucesso no primeiro destes caminhos geralmente conduz à admiração de um grupo seletivo e pouco numeroso de sábios, o sucesso no outro atrai o interesse e a veneração de uma grande multidão de admiradores, que imaginam a existência de seus *ídolos* envolta no máximo de perfeição e felicidade possível aos seres humanos.

Segundo Smith (1999), é a condição de vida das pessoas ricas e famosas que o indivíduo comum, quando sonha acordado ou devaneia à toa, entrevê como o propósito final de todos os seus desejos. Por consequência, sente uma peculiar simpatia pela satisfação daqueles que se encontram nesta condição, a ponto de sentir uma enorme compaixão se acaso uma tragédia venha a pôr fim a tão perfeita existência – compaixão esta que não ocorre em semelhante proporção, caso a tragédia ocorra com uma pessoa anônima.

Mas, para Smith (1999), esta idolatria e obsequiosidade do indivíduo comum para com os ricos e famosos não tem relação com alguma expectativa pessoal de auferir algum benefício por se comportar desta maneira, mas sim com uma genuína admiração pelo conjunto de vantagens que *parece* disponível a quem desfruta de tal condição. Porém, as pessoas originárias das classes sociais inferiores, embora admirem esta condição, estão cientes que ela se faz disponível a bem poucos indivíduos. E, que caso queiram se distinguir e obter aquele mínimo de aprovação social sem o qual a vida em sociedade se torna muito difícil, precisarão denotar muito esforço.

Smith (1999) utiliza como exemplo o fato de que muitas pessoas de origem humilde na busca por ascensão social submetem-se a grandes fadigas mentais e corporais ao estudarem para distinguirem-se em alguma profissão. Elas se dedicam incansavelmente, diuturnamente, para adquirir talentos superiores aos seus competidores. Após dominarem estes talentos, procuram toda e qualquer oportunidade para exibí-los ao público. Perseguem durante toda a vida a ideia de um dia poder obter um repouso artificial e elegante.

“Deverá adquirir um conhecimento superior em sua profissão, e uma superior indústria no exercício dela. Deverá ser paciente no trabalho, firme nas aflições. Precisarà trazer tais talentos à vista do público, pela dificuldade, importância e ao mesmo tempo discernimento de seus empreendimentos, e pela severa e incansável aplicação com que os persegue. Probidade e prudência, generosidade e franqueza deverão caracterizar seu comportamento em todas as ocasiões comuns” (SMITH, 1999, p.67).

Mas, a partir destas observações, qual é então, a “utilidade” da riqueza? Em que consiste a diferença entre uma casa confortável, porém modesta, e um palácio, uma vez que ambas se prestam ao mesmo fim - abrigar seus moradores e protegê-los das intempéries? Para Smith (1999), a resposta envolve questões que vão além do aspecto relacionado à utilidade dos bens. Envolve aspectos psicológicos. Como os indivíduos vivem em sociedade, e dentro das sociedades são inevitáveis as comparações interpessoais, os seres humanos tendem, em geral, a levar mais em conta como a condição em que vivem se mostra aos espectadores externos do que como se mostra a si mesmos.

“Se examinarmos por que o expectador distingue com tal admiração a condição dos ricos e poderosos, descobriremos que não obedece tanto ao ócio e prazer de que supostamente desfrutam, quanto aos inumeráveis expedientes artificiais e elegantes de que dispõem para obter esse ócio e esse prazer. Na realidade, o espectador não imagina que gozem de maior felicidade que as outras pessoas: imagina que disponham de mais meios para alcançá-lo. E a principal causa de sua admiração radica na engenhosa e inventiva adaptação desses meios para a finalidade para que foram criados” (SMITH, 1999, p. 223).

Conforme Smith (1999), como a imensa maioria das pessoas não é imune aos encantos e belezas propiciados pelos confortos que estão disponíveis aos ricos e poderosos e admira como tudo parece naturalmente concorrer para a promoção de sua tranquilidade, em sua imaginação, confundem tal tipo de existência com algo grandioso e nobre. A busca por um padrão de vida mesmo que remotamente parecido a este, torna válido todo o árduo esforço físico e mental despendido em seus empregos todos os dias. Quintana (2001), ao analisar a obra de Smith, conclui que os espectadores imaginam a condição de vida das classes superiores como a possibilidade para que a felicidade possa ser alcançada não em um mundo por vir, mas na vida terrena.

Segundo Anspach (1972), embora Smith conteste de maneira vigorosa *o grau de superioridade* que comumente se atribuí ao poder e riqueza e critique a disposição dos homens comuns em admirar e, conseqüentemente, imitar o comportamento muitas vezes degradante dos ricos e poderosos, ele não deixa de reconhecer os efeitos benéficos que a busca individual por “melhorar a condição de vida” proporcionou ao avanço econômico, institucional e moral das sociedades ao longo da História.

“E é bom que a natureza se imponha a nós dessa maneira. É essa ilusão que dá origem e mantém em contínuo movimento a destreza dos homens. É o que primeiro os incitou a cultivar o solo, a construir casas, a fundar cidades e estados e a inventar e a aperfeiçoar todas as ciências e artes, que enobrecem e embelezam a vida humana; que mudaram toda a face do globo, transformando as rudes florestas naturais em planícies agradáveis e férteis, o insondável e estéril oceano em nova fonte de subsistência, e na grande via de comunicação entre as diferentes nações da terra. Por causa desses trabalhos humanos, a terra foi obrigada a redobrar sua fertilidade natural, para manter um número maior de habitantes” (SMITH, 1999, p. 225).

Mas deste reconhecimento realizado por Smith dos muitos avanços sociais como reflexos da busca individual por “satisfazer mais efetivamente aquele amor a distinção, tão natural no homem” (SMITH, 1999, p.223) não é possível intuir que ele caracterize os agentes sociais como seres impulsionados *unicamente* pelo desejo de fama e riqueza

“Na corrida pela riqueza, honras e privilégios, [cada pessoa] poderá correr o mais que puder, tensionado cada nervo e cada músculo, para superar todos os competidores. Mas se empurra ou derruba qualquer um destes, a tolerância dos espectadores é perdida. É uma violação ao jogo limpo [*fair play*] que não podem aceitar. Por isso, os espectadores simpatizarão com o natural ressentimento do ofendido, e o ofensor se torna objeto de aversão e indignação. Este sabe disso, e sente que todos os sentimentos estão prestes a explodir de todos os lados contra ele” (SMITH, 1999, p.104).

Para Smith (1999), as pessoas realizam, mesmo que inconscientemente, uma análise autocrítica de como seu comportamento e suas ações serão julgadas pelas demais pessoas e moderam seu *amor de si* ao grau em que os demais indivíduos possam aceitar (em busca de aprovação). Disto, surge o conceito smithiano de homem prudente cujo caráter é capaz de personificar a maioria das pessoas.

Na sequência será analisado, além do homem prudente, também alguns dos princípios e questões-chaves da RN – a propensão à troca e o papel do dinheiro na extensão dos mercados e seu impacto na divisão do trabalho com o objetivo de realizar um *link* entre os conceitos presentes na RN e os, já trabalhados, que fazem parte da TSM.

2.6 Síntese do capítulo

Neste capítulo pôde-se perceber que, para Smith, o princípio que serve de fundamento para que as pessoas aprovem ou não, tanto as suas próprias ações quanto as das demais, não está assentado nem no egoísmo, nem no intelecto - mas no sentimento. Pois, as pessoas ao se imaginarem umas no lugar das outras acabam por experimentar um conjunto de sensações e através destas sensações formulam seus julgamentos acerca tanto de si quanto das demais. É deste imaginar-se no lugar do outro, que Smith constrói o seu conceito de simpatia, conceito este que não se restringe apenas à solidariedade pelo sofrimento alheio. E, que conjuntamente ao conceito do espectador imparcial, modelo *idealizado* de ser humano, a simpatia, no sentido dado por Smith ao termo, torna possível às pessoas se conduzirem adequadamente dentro da sociedade.

Mas, por que as pessoas em sociedade adéquam seu comportamento as regras morais vigentes? Conforme Smith, é porque elas desejam a notabilidade, a aprovação, o reconhecimento de seus méritos. Porém, esta busca por aprovação tem como origem os hábitos e costumes aceitos como “válidos” pela coletividade. Estes hábitos e costumes funcionam como o "espelho" através do qual as pessoas aprendem quais as ações e condutas são consideradas virtuosas e quais não são. A partir disto, é que Smith idealiza o seu conceito de homem prudente, o qual caracteriza o comportamento que, como será visto no próximo capítulo, é a força motriz da frugalidade individual, tão importante para o desenvolvimento da divisão do trabalho em sociedades civilizadas e do conseqüente aprimoramento das condições materiais de vida, mesmo das classes menos favorecidas.

3 MELHORAR NOSSA “CONDIÇÃO DE VIDA”: UM PRINCÍPIO PSICOLÓGICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICAS E SOCIAIS

3.1 Introdução

Ao analisar as fontes que dão origem e desenvolvem a divisão do trabalho em sociedades civilizadas, Smith segue uma longa tradição de autores que pode ser rastreada até “A República” de Platão³⁸. Ele inicia a RN com uma análise dos determinantes do avanço da produtividade do fator trabalho e do modo como o produto nacional se divide entre as diferentes classes sociais. No primeiro capítulo, ele afirma que a divisão do trabalho, na medida em que pode ser introduzida, gera, em cada ofício, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho. A diferenciação das ocupações e empregos nada mais seria então, do que a consequência dessa vantagem. A grande multiplicação das produções de todos os diversos ofícios — multiplicação essa também decorrente da divisão do trabalho — é que seria a causa, em uma sociedade bem dirigida, da riqueza universal estendida até as camadas mais baixas da população (SMITH, 2003).

O objetivo geral do capítulo é conectar – com base no desejo humano universal por ser notado e tratado com simpatia - os dois livros de Smith, a RN e a TSM, para, com base na sua visão acerca da divisão do trabalho, estudar a relação entre o aprimoramento da produtividade do fator trabalho, a acumulação de capital e os efeitos desta sobre o tecido social.

A questão que norteia este capítulo é: em que a análise da divisão do trabalho empreendida por Smith difere das realizadas por outros autores? O argumento defendido é que, enquanto autores como Aristóteles e Hume, por exemplo, “enxergaram” somente os efeitos benéficos do processo, Smith chamou a atenção tanto para as causas psicológicas enquanto o motor a impulsionar a divisão do trabalho, quanto para as consequências deletérias

³⁸ Autores como Cícero, Mandeville, Petty, Hutcheson e Hume, argumentaram que a cooperação entre inúmeros trabalhadores qualificados não apenas dá origem a benefícios sociais do ponto de vista econômico: acesso coletivo a uma gama maior de itens como produtos alimentícios, de vestuário e habitação, como aos benefícios intangíveis, como saúde e segurança. Para estes autores, também os costumes, as leis, as regras da justiça e as convenções da sociedade civil são influenciáveis pelos impactos da divisão do trabalho. Para uma análise detalhada das influências na argumentação de Adam Smith acerca da divisão do trabalho ver: Dooley (2003); Vivenza (2001).

deste processo na vida dos trabalhadores. Além disso, ele também recomendou políticas públicas a fim de mitigar o problema³⁹.

Este capítulo, além desta introdução, conta com mais três seções. Na segunda, é analisada a relação, com base na TSM e na RN, entre a busca por aperfeiçoamento profissional e o desejo de ser notado. A seção seguinte trata do caráter do homem prudente smithiano e da importância da parcimônia enquanto geradora da acumulação de capital e seu reflexo no avanço da divisão do trabalho. Na quarta e última seção são apresentadas as sínteses do capítulo.

3.2 A relação entre a busca pela simpatia alheia e o aprimoramento profissional

Na TSM, Smith se questiona: o que é necessário para uma pessoa saudável, sem grandes dívidas e de consciência tranquila se sentir feliz? Na Grã-Bretanha, à época do lançamento da RN, mesmo o humilde trabalhador diarista com seu salário tinha condições de prover a si e a sua família alimentos, vestuários e o conforto de uma casa. Tinha condições, inclusive, de se permitir certos luxos e vaidades, como, por exemplo, pratos de estanho em vez de barro, cerveja e janelas de vidro. Mas, mesmo assim, seu padrão de vida tendia na época, como tende hoje, a ser rechaçado, até por seu filho, nascido com o mínimo de ambição, e, a ser considerado pior do que a morte por muitas das pessoas que, acostumadas ao padrão de vida das classes mais altas, por algum revés do destino, passassem a ter um *status* parecido com o seu (SMITH, 1999).

A resposta, de acordo com Smith (1999), como analisado no capítulo anterior, encontra-se em uma realização psicológica – “ser notado, ser tratado com simpatia, ser aprovado”. O trabalhador, quanto mais pobre, mais consciência possui do quão longe está desta aprovação. Por isto, salvo raras exceções, sente vergonha em exibir sua humilde condição, condição esta que ou o torna invisível, ou - o que é pior - o torna indesejável.

“Desviam dele os olhos, ou, se a sua extrema aflição os força a olhar para ele, é apenas para expulsar de seu meio um objeto tão desagradável. Os afortunados e altivos espantam-se com a insolência desse farrapo humano, que se atreve a apresentar-se perante eles, e com o odioso aspecto de sua miséria que, presumem, irá perturbar sua serena felicidade” (SMITH, 1999, p. 60 – 61).

³⁹ As políticas sugeridas por Smith para o enfrentamento dos efeitos adversos da divisão do trabalho serão trabalhadas em uma pesquisa futura.

O contrário é válido. Segundo Smith (1999), devido ao fato das pessoas simpatizarem muito mais com a alegria do que com a dor, o homem de distinção social, via de regra, faz questão de ostentar seu poder e riqueza. Ele possui, segundo o imaginário popular, os meios para obter qualquer comodidade ou prazer – palácios, carros, criados -, enfim, a vida de um ser superior. E, quem observa sua existência, *por simpatia*, compartilha de seus sentimentos, pois, poucas são as pessoas não impressionáveis pelo luxo de sua vida. A utilidade de tais itens é impressionar àqueles que não os possuem, ou, nas palavras de Smith, satisfazer o amor à distinção – característica inerentemente humana.

“O homem rico jacta-se de sua riqueza, porque sente que naturalmente isso dirige sobre si a atenção do mundo, e que os homens estão dispostos a aceder a todas as emoções agradáveis com que os benefícios de sua situação o cobrem tão prontamente. Ao mero pensamento disso, seu coração parece inchar e dilatar-se, e, por esta razão, aprecia ainda mais a sua riqueza do que por todos os demais benefícios que ela lhe proporciona” (SMITH, 1999, p. 60).

Ou seja, com base na passagem acima, para Smith, o ser humano, em sociedade, tende a considerar muito mais como a sua situação se mostra aos demais, do que como se mostra a si mesmo. A admiração pelo estilo de vida das classes mais abastadas tem menos a ver com o ócio e o prazer que seus membros têm acesso do que com os meios que eles têm a sua disposição para gozar, caso queiram, deste ócio e prazer (SMITH, 1999).

“Assim, a vantagem de ser rico e grandioso, na magnificência de sua situação, está no fato de essa condição ser alvo das emoções dos outros, ser sentida de forma “compartilhada” pelos envolvidos, à vista da ampla simpatia, satisfazendo o amor à distinção tão natural ao ser humano. Tal disposição, na perspectiva dos “sentimentos” do espectador, não parte da própria pessoa, ou seja, prevalece a consideração de como a situação se mostra aos olhos dos outros” (MARIN e QUINTANA, 2011).

É esta admiração, esta vontade de obter as comodidades que a riqueza proporciona, de um dia desfrutar de um repouso artificial e elegante, de melhorar a condição de vida, por parte de cada indivíduo, a causa última de todo o esforço e dedicação a uma profissão, o que dá origem e mantém em contínuo movimento a destreza dos homens. É o que faz com que cada pessoa busque se aprimorar com o objetivo de dominar as ferramentas de sua profissão e se esforce para que seus dotes se tornem conhecidos do grande público. É a motivação da divisão do trabalho. Mas, a divisão do trabalho, como será analisado a seguir, possui uma

relação com a frugalidade individual, que fornece o capital necessário para que as forças do trabalho se aprimorem.

3.3 Acumulação de capital: consequência da frugalidade – a pedra angular da divisão do trabalho – do homem prudente

3.3.1 O homem prudente de Adam Smith

Conforme Smith (1999), as duas qualidades mais úteis ao indivíduo são, por um lado, uma capacidade de raciocínio e entendimento bem desenvolvida, o que o torna apto a discernir as consequências, mesmo as remotas, de seus atos e escolhas, e por outro lado, o autodomínio que o capacita a antever as vantagens de se abster de um prazer momentâneo ou de suportar uma situação adversa em um tempo presente, a fim de usufruir de prazeres ou evitar dores maiores ou mais duradouras no futuro. A virtude da prudência é a união destas duas qualidades, e se relaciona com o cuidado da saúde, fortuna, posição social e reputação individual, elementos extremamente necessários para uma vida confortável e feliz.

O homem prudente de Smith é apresentado como simples e modesto em suas conversas; cauteloso, fiel aos amigos, e mesmo sem ser dotado de grande brilhantismo, é diligente, frugal e tende a respeitar os usos e costumes estabelecidos pela sociedade. Financeiramente, ele vive exclusivamente de seus próprios proventos, com o objetivo de pouco a pouco melhorar a sua situação de uma forma gradual e segura. É apegado a uma existência tranquila e dificilmente abdica dela, mesmo que seja para assumir responsabilidades que possam levá-lo ao sucesso e ao poder (VIVENZA, 2001).

Para Smith (1999), o homem prudente se esforça para dominar as habilidades e conhecimentos relacionados com sua profissão e negócios, e nesta busca se conduz com constância, diligência e parcimônia, uma vez que uma das coisas que mais teme é se expor à desaprovação social. Desaprovação esta que, naturalmente, acompanha a descoberta de qualquer tipo de falsidade. Ao se dedicar a novos projetos e empreendimentos, ele não deixa de antes analisá-los meticulosamente. Uma vez que vê a si mesmo como parte da comunidade em que está inserido, caso estes empreendimentos possam expô-lo ao opróbrio público, tende a abandoná-los.

“Embora a prudência vá muito além da maximização do auto interesse, Smith em geral a considerava como sendo de todas as virtudes a que mais auxilia o indivíduo, ao passo que humanidade, justiça, generosidade e espírito público são as qualidades mais úteis aos outros” (SEN, 1999, p. 39).

O amor-próprio do homem prudente que o impulsiona a “melhorar sua condição” se desenvolve via sua adequação as normas morais vigentes e é caracterizado pela incompletude, ou seja, ele necessita do olhar e reconhecimento dos demais seres humanos. Devido as suas características de constância, diligência, *frugalidade* e adequação, ele recebe inteiramente a aprovação do espectador imparcial (GANEM, 2002).

3.3.2 A frugalidade e a acumulação de capital enquanto reflexo da prudência

De acordo com Smith (2003), a condição de vida da maioria dos trabalhadores é tal que a sua renda – que deriva exclusivamente de sua condição de empregado - é suficiente apenas para mantê-lo por algumas semanas. Na situação contrária, quando o capital de uma pessoa é suficiente para mantê-la durante meses, ou até mesmo anos, nada mais natural do que ela buscar obter uma renda através dele. A questão é que o aumento do capital dos diferentes indivíduos tem consequências sobre o capital social. Ou seja, existe uma relação íntima entre a parcimônia individual e o processo coletivo de acumulação que impulsiona o círculo virtuoso do crescimento econômico enquanto reflexo do avanço da divisão do trabalho. Ou a pessoa mesma utiliza seu capital acumulado para empregar mais mão de obra produtiva ou, possibilita que outra o faça, emprestando-lhe seu capital a juros.

“A parcimônia, e não o trabalho, é a causa imediata do aumento de capital. Com efeito, o trabalho fornece o objeto que a parcimônia acumula. Porém, por mais que o trabalho conseguisse adquirir, se a parcimônia não poupasse e não acumulasse, o capital nunca cresceria. Ao aumentar o fundo destinado à manutenção de mão de obra produtiva, a parcimônia tende a aumentar o número de indivíduos cujo trabalho adiciona valor aos objetos aos quais se aplica. Tende, portanto, a aumentar o valor de troca da produção anual da terra e do trabalho do país. Põe em movimento uma quantidade adicional de trabalho, o que confere um valor suplementar à produção anual” (SMITH, 2003, p. 423).

Assim, o avanço da divisão do trabalho requer uma prévia acumulação de capital, uma vez que, uma subdivisão cada vez maior do trabalho é dependente de um estoque cada vez

maior de poupança. A frugalidade anual de um indivíduo, tanto assegura as condições para que se empregue um número adicional de mão de obra produtiva no ano em voga ou posterior, quanto proporciona a criação de um fundo perene, capaz de manter uma quantidade igual de mão de obra, mesmo em um futuro distante (SMITH, 2003).

“De fato, a alocação e a destinação permanente deste fundo nem sempre são asseguradas por leis positivas, por um documento jurídico ou título de bens; no entanto, elas são sempre asseguradas por um *princípio* muito poderoso, isto é, o interesse óbvio de todo indivíduo a quem pertença o fundo. Nenhuma porção dele poderá futuramente ser empregada a não ser para manter mão de obra produtiva, sem que haja uma perda evidente para a pessoa que o desvia de sua destinação própria” (SMITH, 2003, p. 424).

Mas, esta frugalidade, transformada em um fundo perene que possibilita o avanço da divisão do trabalho, quer o poupador utilizando seu capital ele mesmo na contratação de mão de obra produtiva, quer, mediante o recebimento de juros, emprestando para que outro o faça, apenas ocorre porque o poupador se vê inserido em uma sociedade na qual existe um arcabouço jurídico e institucional que faz com que ele se sinta seguro (SMITH, 2003).

Conforme Santos e Bianchi (2007), em diversas passagens da RN Smith ataca as instituições mercantilistas e suas restrições e privilégios injustos. Para ele, portanto, os resultados benéficos ou perversos da busca individual pelo auto interesse são dependentes do conjunto de restrições institucionais sob o qual os indivíduos operam. Na RN, Smith reconhece que a busca predatória do auto interesse, num contexto de incentivos perversos, pode conduzir a sociedade à penúria social.

Para exemplificar seu ponto de vista, Smith utiliza o exemplo da Grã-Bretanha:

“A segurança que as leis na Grã-Bretanha dão a cada indivíduo, garantindo-lhe que desfrutará do produto de seu trabalho, é por si suficiente para fazer que um país prospere [...] Na Grã-Bretanha, a atividade econômica é perfeitamente segura, e, embora esteja longe de ser totalmente livre, é tão ou mais livre do que em qualquer outro país da Europa” (SMITH, 2003, p. 682).

O caso da Grã-Bretanha se contrapõe à situação da população de países como a Turquia, Índia e da maioria dos países da Ásia, na época em que a RN foi escrita.

“De fato, nesses infelizes países em que os homens temem constantemente a violência de seus superiores, é frequente enterrarem ou ocultarem uma grande parte da riqueza, a fim de tê-la sempre à mão para transportá-la a um lugar seguro, no caso de serem ameaçados por algum desses desastres aos quais a todo o momento se consideram expostos” (SMITH, 2003, p. 352).

Ou seja, de acordo com Smith (2003), as Instituições de um país devem ser capazes de permitir que seus cidadãos exerçam com liberdade e segurança a sua busca pela aprovação dos demais agentes sociais. Devem dar garantias de que as pessoas não serão arbitrariamente expostas a perda de seu capital acumulado, poupança e investimentos. Sob tais condições, a busca por melhorar nossa própria condição, em conjunto com outro princípio natural a todo o indivíduo, a propensão universal para a troca - princípio que será analisado na próxima seção - dinamiza, em sociedades civilizadas, a opulência⁴⁰.

3.4 A propensão à troca e a divisão do trabalho

Conforme Smith (2003), a divisão do trabalho não tem sua origem na sabedoria humana, ela não é consequência de algum tipo de aparato organizacional racionalmente formulado. Ela é consequência, mesmo que se processe de maneira lenta e gradual, de um princípio que pode ser encontrado, em maior ou menor grau, em todo o gênero humano: a propensão universal para a troca “justa e deliberada”. Propensão esta, que de acordo com Smith, surge como consequência das faculdades humanas da Razão e da Fala – por isto um fenômeno restrito aos seres humanos.

As trocas “justas e deliberadas” podem ser entendidas como uma espécie de argumentação discursiva entre duas partes - comprador e vendedor. Quando uma pessoa oferece um pagamento monetário a outra para obter seus serviços, por exemplo, nada mais está fazendo, do que apresentar um argumento afim de convencê-la a abrir mão de alguma coisa para adquirir “argumentos”, que em um momento futuro, possibilitem a ela obter algo que tenha despertado seu interesse (SEN, 2010).

Esta propensão para a troca é o princípio que subjaz a conhecida passagem da RN que se tornou canonizada ao longo do tempo como a defesa, por parte de Smith, do egoísmo como fundamento último da sociabilidade humana.

“Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua autoestima, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles” (SMITH, 2003, p. 19).

⁴⁰ Para uma análise pormenorizada da importância das Instituições na obra de Adam Smith ver Rosenberg (1960).

Ao invés de uma confirmação à argumentação hoje canonizada, este parágrafo da RN parece relacionado com uma questão quase que banal, ou seja, com os tipos de motivações que influenciam um tipo específico de transação – a compra e venda de uma mercadoria qualquer. Na realização de uma “troca comercial”, a que outra coisa o comprador deveria apelar em relação ao vendedor, senão “seu próprio interesse”. Um apelo à benevolência, em tal situação, poderia até mesmo ser considerada como uma falha moral, uma vez que isto seria uma forma insidiosa de dependência (METHA, 2006).

O que muitos dos analistas de Smith não levam em conta é o fato de que, no mesmo parágrafo, imediatamente acima do trecho hoje canonizado de sua obra, Smith escreveu:

“O homem, entretanto, tem necessidade quase constante da ajuda dos semelhantes, e é inútil esperar esta ajuda simplesmente da benevolência alheia. Ele terá maior probabilidade de obter o que quer, se conseguir interessar a seu favor a autoestima dos outros, **mostrando-lhes que é vantajoso para eles** fazer- lhe ou dar-lhe aquilo de que ele precisa. É isto o que faz toda pessoa que **propõe um negócio a outra**. Dê-me aquilo que eu quero, e você terá isto aqui, que você quer — esse é o significado de **qualquer oferta desse tipo**; e é dessa forma que obtemos uns dos outros a grande maioria dos serviços de que necessitamos” (SMITH, 2003, p. 19, grifo nosso).

Sen (2010), corrobora este ponto de vista anticanônico, ao afirmar que o açougueiro, o cervejeiro e o padeiro, esperam obter nosso dinheiro em troca da carne, da cerveja e do pão que eles produzem, enquanto nós – consumidores - necessitamos da sua carne, cerveja e pão, produtos que obtemos com nosso dinheiro. Esta troca “comercial” beneficia a ambos. Não existe necessidade de altruísmo neste tipo de transação⁴¹.

De acordo com Smith (2003), esta propensão à troca é comum a todos os homens, desde um simples carregador do porto até um filósofo. Embora, cada um deles se dedique a uma atividade específica dentro da divisão social do trabalho. Mas, embora “*this is a fine point about motivation for trade, but it is not a claim about the adequacy of self-seeking for economic success in general*” (SEN, 2010, p. 55).

Ou seja, apesar desta propensão sempre ter existido, é apenas em um contexto formado por certas circunstâncias especiais, – mercados amplos e arcabouço institucional adequado - que ela conduz ao florescimento comercial. Assuntos a serem explorados em um trabalho futuro.

⁴¹ Tanto Metha (2006) quanto Sen (2010) se contrapõem, por exemplo, à visão de Stigler de que a RN pode ser considerada como “um estúpido palácio construído sobre o granito do auto interesse” (STIGLER, 1982, p. 265).

3.5 Síntese do capítulo

Este capítulo analisou resumidamente as causas do surgimento e as circunstâncias necessárias para o desenvolvimento da divisão do trabalho. Pôde-se perceber que é com base um princípio amplamente analisado por Smith na TSM – a simpatia – e por considerar muito mais como a sua situação se mostrará aos demais indivíduos que os agentes sociais suportam o esforço diário, necessário a aprimorar-se moralmente e profissionalmente.

O homem prudente de Smith, que representa a maioria das pessoas em sociedade, levando em conta sua incompletude, e em busca da simpatia dos demais, preocupa-se não apenas com sua fortuna material, mas com a saúde, posição social e reputação individual. Elementos extremamente necessários para uma vida confortável e feliz.

Este aprimoramento e o posterior domínio sobre suas “ferramentas” profissionais é que gera aos indivíduos os excedentes que lhes possibilitam, através das trocas com outros indivíduos de diferentes profissões, satisfazer suas necessidades materiais e obter comodidades. Estas trocas são intermediadas por meios de pagamentos *socialmente* aceitos. A frugalidade dos possuidores destes excedentes é a causa imediata do aumento do capital de uma nação e ela é que dá curso ao surgimento e desenvolvimento da poupança, do investimento, do sistema de crédito, das instituições bancárias e do avanço cada vez mais complexo da divisão do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal intenção desta dissertação foi a de estudar a obra de Smith afim de conhecê-lo, não apenas enquanto economista e filósofo moral, mas como ser humano – seus anseios, sonhos e relacionamentos pessoais e profissionais. Foi uma grata satisfação descobrir o verdadeiro Smith. Um filho carinhoso e devotado, um aluno não apenas inteligente, mas perseverante, e que sempre se manteve respeitoso e agradecido a seus antigos mestres. Um amigo fiel por toda a vida, um homem zeloso de suas obrigações e da palavra empenhada. Um professor exemplar, sempre preocupado com o aperfeiçoamento de seus discípulos, tanto do ponto de vista intelectual, quanto moral. Enfim, descobrir que em sua vida, Smith, cultivou as qualidades que ele considerava definidoras de um caráter excelente: sobriedade, temperança, justiça e magnanimidade. E, que ele foi reconhecido em seu círculo íntimo como detentor de tais qualidades. Ou seja, ao tomar por base sua vida e seus escritos, não há como concordar com a visão canônica que o retrata como defensor do auto interesse e egoísmo incondicional, enquanto princípio definidor último das ações humanas.

Foi com base em sua formação intelectual e moral que Smith construiu seu sistema econômico e a defesa do *self-love* como um importante princípio da natureza humana e principal fator das motivações econômicas. Porém, a sua visão do *self-love* está impregnada de conotações morais e vai muito além do simples auto interesse por riquezas materiais - nada tem em comum com uma defesa do egoísmo exacerbado.

Para Smith, o princípio que serve de fundamento para que as pessoas aprovelem ou não, tanto as suas próprias ações quanto as das demais, não se assenta no egoísmo, sequer no intelecto, e sim no sentimento. É com base na capacidade humana de imaginar-se no lugar do outro, que Smith constrói o seu conceito de simpatia, que conjuntamente ao conceito do espectador imparcial, modelo idealizado de ser humano, torna possível às pessoas se conduzirem adequadamente dentro da sociedade. Mas, tanto a simpatia, quanto os juízos do espectador imparcial, têm uma relação bastante íntima com os hábitos e costumes do meio social no qual os indivíduos vivem, uma vez que, estes hábitos e costumes coletivamente aceitos funcionam como o "espelho" através do qual eles aprendem quais ações e condutas são consideradas virtuosas ou não.

A partir disto, é que Smith constrói na TSM o seu conceito de homem prudente, cujo caráter é representativo da maioria das pessoas vivendo em sociedade na RN. O homem prudente de Smith em nada se parece com o *Homo Economicus* neoclássico – sujeito

motivado exclusivamente por razões econômicas, preocupado em termos imediatos em obter o máximo de lucro com o mínimo de sacrifício. Pelo contrário, o homem prudente se esforça para dominar as habilidades e conhecimentos relacionados com sua profissão e negócios e nesta busca se conduz com constância, diligência e parcimônia. Porque, uma das coisas que mais teme, é se expor à desaprovação social. O amor-próprio [*self-love*] do homem prudente que o impulsiona a “melhorar sua condição” se desenvolve por meio de sua adequação as normas morais vigentes e é caracterizado pela incompletude, isto é, necessita do olhar e reconhecimento dos demais agentes sociais. Ele necessita “ser notado, ser tratado com simpatia, ser aprovado”.

Esta “necessidade” responde a questão chave que originou esta dissertação. Ou seja, não há como compreender o conceito de auto interesse ou amor-próprio [*self-love*], presente na RN, sem que se tenha em mente a abordagem moral realizada por Smith na TSM. É esta busca por aprovação que funciona como a motivação da divisão do trabalho - a qual é consequência de um princípio que pode ser encontrado em todo o gênero humano - a propensão universal para as trocas “justas e deliberadas”. Esta propensão é o princípio que norteia a conhecida passagem do açougueiro, padeiro e cervejeiro presente na RN que se tornou canonizada ao longo do tempo, e não o egoísmo.

O argumento da dissertação de que a RN pode, e deve, ser lida à luz da TSM foi reforçado. Pois, foi em seu primeiro livro que Smith elaborou e explicou detalhadamente conceitos e princípios como a simpatia, espectador imparcial e homem prudente, e analisou a busca por melhorar a própria condição, os quais em conjugação com alguns princípios humanos universais tratados na RN possibilitam compreender a sua visão acerca do processo capitalista que se lhe apresentava.

Por fim, dada a riqueza dos temas tratados por Smith tanto na TSM, quanto na RN - temas que tratam desde sua visão acerca da influência da moda e comportamento dos ricos e famosos sobre as pessoas de classes menos favorecidas economicamente até o papel do espectador imparcial e sua relação com a Justiça em seu primeiro livro; temas que englobam desde sua análise entre preço nominal e real, salários, lucros, renda da terra, *drawbacks* e subsídios, até a carestia e a fome em países indianos, a desafortunada legislação escravista e as guerras coloniais; - abre-se a oportunidade para inúmeros trabalhos com base em seus escritos. Trabalhos relacionados, por exemplo, com a importância dos aspectos morais da TSM para compreender a crítica contida na RN às Instituições de sua época e se a abordagem institucional realizada por Smith o aproxima mais da abordagem de Thorstein Veblen ou da abordagem da Nova Economia Institucionalista, representada por Douglas North; com a

comparação entre a teoria de Justiça de Smith contida na TSM e a teoria de Justiça de John Rawls em seu livro “Uma Teoria de Justiça”; com a análise das consequências econômicas e sociais do imperialismo contemporâneo ao tomar por base a análise realizada por Smith acerca da colonização de nações estrangeiras; com o papel do Estado em relação aos monopólios, entre outros assuntos.

Ou seja, Smith, ainda hoje, pode ser uma fonte muito rica para o estudo das relações sociais, uma vez que em suas obras, ele não se restringia unicamente aos resultados econômicos da interação humana. Pelo contrário, ele levava em conta os aspectos filosóficos, psicológicos, morais e históricos relacionados aos processos que dão origem aos resultados econômicos. Um tipo de abordagem que hoje, cada vez mais, se faz necessária aos economistas.

REFERÊNCIAS

ANSPACH, R. The implications of the Theory of Moral Sentiments for Adam Smith's economic thought. **History of Political Economy**, v. 4, n. 1, p. 176-206, 1972.

ARROW, J. K; HANN, F. **General competitive analysis**. San Francisco: Holden-Day, 1971.

BOFF, E. O. **What's The Problem, Mr. Smith? Shedding More Light (than Heat) on Adam Smith's View of Man**. XL ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA - ANPEC 2012. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro/2012/inscricao/files_I/i1b76cd4277b1646ca81c5059bf789d696.pdf>. Acesso em: 26 mai.2013.

BOSWELL, J. **Life of Johnson**. New York: Barnes and Noble Books, 2006.

BRENTANO, L. **The relation of labor to the law of today**. New York: Putnam's Sons, 1891, 273 p.

BUCHAN, J. **O Autêntico Adam Smith, vida e obra**. Rio de Janeiro, Rocco, 2008.

CANNAN, E. Introdução. In: **A Riqueza das Nações: investigação obre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Nova Cultural, v. I, 1996.

CASTRO, E. **Las pasiones en el mercado: el espejo y la mano invisible** [En línea]. IV° Jornadas de Investigación en Filosofía, 7-9 de noviembre de 2002, La Plata. En: *Revista de Filosofía y Teoría Política*, Anexo 2004. Disponível em: <http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.154/ev.154.pdf>. Acesso em: 15 out. 2013.

CERQUEIRA, H. E. A. G. Adam Smith e o Surgimento do Discurso Econômico. **Revista de Economia Política**, v. 24, n. 3, 2004.

COASE, R. H. Adam Smith's View of Man. **Journal of Law and Economics**, v. 19, n. 3, p. 529-546, 1976.

COLE, J. **Adam Smith: Economista y Filósofo**. Laissez-Faire, n. 2, 1995.

DOOLEY, P. C. Hutcheson, Smith, and the Division of Labour. **Discussion Paper**, Department of Economics, University of Saskatchewan, 2003.

DUMONT, L. **Homo aequalis. Génesis y apogeo de la ideología econômica**. Trad. J. Aranzadi, Madrid, 1982.

EVENSKY, J. Ethics and the Invisible Hand. **The Journal of Economic Perspectives**, v. 7, n. 2, p. 197-205, 1993.

FIGUEIREDO, C. **Novo dicionário da língua portuguesa**. The Project Gutenberg EBook, Abril, 2010. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

GANEM, A. Economia e Filosofia: Tensão e Solução na Obra de Adam Smith. **Revista de Economia Política**, v. 22, n. 4, 2002.

_____. **Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: uma abordagem histórico-filosófica**. IV Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Política. Porto Alegre, junho de 1999. Disponível em: <<http://ww2.ie.ufrj.br>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

GRAZIANO, W. **Hitler ganhou a guerra**. São Paulo: Editora Palíndromo, 2005.

HEILBRONER, R. The socialization of the individual in Adam Smith. **History of Political Economy**, v.14, n. 3, 1982.

_____. **A história do pensamento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HIRST, F. W. **English men of letters - Adam Smith**. London: Macmillan e Co. Ltd., 1904.

HOBBS, T. **Do Cidadão**. 3. ed. Tradução de Janine Ribeiro. São Paulo: Martins fontes, 2002.

_____. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HUME, D. **Tratado da natureza humana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 736 p.

_____. **Investigação acerca do entendimento humano**. Tradução: Anoar Aiex. Edição Acrópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/hume.html>>. Acesso em 05 jun. 2013.

HUTCHESON, F. **A System of Moral Philosophy**. John Adams Library (Boston Public Library) BRL, 1755. Disponível em: <<http://archive.org/details/systemofmoralphi02hutc>>. Acesso em 25 abr. 2013.

KENNEDY, G. **Adam Smith: A Moral Philosopher and His Political Economy**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

LEONIDAS MONTES. Das Adam Smith Problem: Its Origins, the Stages of the Current Debate, and One Implication for Our Understanding of Sympathy. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 25, p. 63-90, 2003.

MARIN, S. R.; QUINTANA, A. M. Adam Smith e Francis Ysidro Edgeworth: uma crítica do utilitarismo. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, 2011.

MARUYAMA, N. **A moral e a filosofia política de Helvétius**: uma discussão com J. -J. Rousseau. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.

MEHTA, B. P. Self-Interest and Other Interests. In: **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Edited by Knud Haakonssen. New York, Cambridge University Press, 2006. p. 246-269.

MORROW, G.R. The Significance of the Doctrine of Sympathy in Hume and Adam Smith. **The Philosophical Review**, v. 32, n. 1, p. 60-78, 1923.

OLIVEIRA, I. T. M. A economia de mercado como um sistema de perfeita liberdade: notas a partir do pensamento de Adam Smith. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 88, 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/088/88oliveira.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2013.

PAGANELLI, M.R. The moralizing role of distance in Adam Smith: The Theory of Moral Sentiments as possible praise of commerce. **History of Political Economy**. v. 42, n. 3, p. 425-441, 2010.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1997.

PESCIARELLI, E. Aspects of the Influence of Francis Hutcheson on Adam Smith. **History of Political Economy**. v. 31, n. 3, p. 525-545, 1999.

QUINTANA, A. M. **A filosofia moral e a economia política de Adam Smith: a simpatia e o interesse próprio**. 2001. 122 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

RAE, J. **Life of Adam Smith**. London: Macmillan and Co., 1895.

RAPHAEL, D.D. **Adam Smith**. Oxford University Press, Oxford, 1985.

_____. **The Impartial Spectator: Adam Smith's Moral Philosophy**. Oxford: University Press, 2007.

REIS, M.V.X. **Estética dourada - teoria ética baseada no sentimento de empatia. Dissertação de Mestrado**. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Brasília, Instituto de Humanidades, Brasília, 2010.

ROSS, I. S. **Life of Adam Smith**. Oxford University Press, Oxford, 1995.

ROTHSCHILD, E. **Smithianism and enlightenment in 19th century Europe**. Harvard, 2013. Disponível em: <<http://law.harvard.edu/faculty/facultyworkshops/rothschild.faculty.colloquium.spring2013.pdf>>. Acesso em 10 out. 2013.

SAHD, L. F. N. A. Ética e sociabilidade: Pufendorf e a herança hobbesiana. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 35, p. 239-254, 2008.

SEN, A. K. Adam Smith and the contemporary world. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, v. 3, n. 1, p. 50-67, 2010.

SANTOS, A. T. L. A.; BIANCHI, A. M. Além do cânon: mão invisível, ordem natural e instituições. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 635-662, 2007.

SMITH, A. **Teoria dos sentimentos morais**: ou, Ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma Dissertação sobre a origem das línguas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Riqueza das Nações**. Vol.I 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A Riqueza das Nações**. Vol.II 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

STEWART, D. Introdução. In: SMITH, A. **Teoria dos sentimentos morais: ou, Ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma Dissertação sobre a origem das línguas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

STIGLER, G. J. Smith's Travels on the Ship of State. In: _____ **The Economist as Preacher, and Other Essays**. Chicago: Univ. Chicago Press, 1982.

SUGDEN, R. Beyond Sympathy and Empathy: Adam Smith's concept of fellow-feeling. **Economics and Philosophy**, v. 18, p. 63-87, 2002.

TAYLOR, W. L. **Francis Hutcheson and David Hume as Predecessors of Adam Smith**. Durham, N.C.: Duke University Press, 1965.

VERGARA, F. Los errores y confusiones de Louis Dumont. A propósito de "la autonomía" o "emancipación" de la economía. **Revista Anales de la Cátedra Francisco Suárez**, 2001. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~filode/catedra.htm>>. Acesso em 29 jun. 2013.

WEINSTEIN, J. R. Sympathy, difference, and education: Social unity in the work of Adam Smith. **Economics and philosophy**, v. 22, n. 1, p. 79-111, 2006.

WILSON, D.; DIXON, W. Das Adam Smith Problem: A Critical Realist Perspective. **Journal of Critical Realism**, v. 5, n. 2, p.251-272, 2006.

VINER, J. Adam Smith and Laissez Faire. **Journal of Political Economy**, v. 35, n. 2, p. 198-232, 1927.

VIVENZA, G. **Adam Smith and the classics: the classical heritage in Adam Smith's thought**. Tradução inglesa. Oxford: Oxford University Press, 2001.